



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Isabel da Silva Fernandes

**Passo a passo com o meu educando:
envolvimento/relação da família com a creche**

Ana Isabel da Silva Fernandes **Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche**

UMinho | 2015

outubro de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Isabel da Silva Fernandes

**Passo a passo com o meu educando:
envolvimento/relação da família com a creche**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos e
Intervenção Comunitária

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Gonçalves Barbosa

Agradecimentos

Quero agradecer a algumas pessoas em particular pela paciência que tiveram neste ano em que realizei estágio.

Em primeiro lugar, ao meu orientador científico, Professor Doutor Manuel Barbosa, pela orientação e apoio ao longo do estágio.

Em segundo lugar, à Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente por me terem aceite na instituição e confiarem em mim para realizar um projeto junto dos pais.

Em terceiro lugar, à minha acompanhante de estágio, pela paciência, apoio, orientação e dedicação demonstrada tanto durante o estágio como após o estágio.

Em quarto, à minha mãe, que me ajudou nesta caminhada e procurou apoiar-me em momentos de maior angustia.

Em quinto lugar, ao Diogo, que foi quem mais lutou para que eu não desistisse e para que eu desse o melhor de mim neste estágio.

Em sexto lugar, às minhas amigas Joana e Catarina, que contribuíram para a concretização do projeto.

Por último, mas não menos importantes, agradeço a todas as educadoras e colaboradoras da Creche onde estagiei, pela amabilidade com que me receberam e pela disponibilidade que demonstraram para me ajudarem na concretização do meu projeto.

Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação dos pais com a creche
Ana Isabel da Silva Fernandes
Relatório de Estágio Mestrado em Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Universidade do Minho
2015

Resumo

Este estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação - Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, numa creche pertencente à cidade de Braga.

A Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente no ano passado abriu portas para receber crianças dos 0 aos 3 anos de idade e desde logo se prontificou a receber estagiários.

No âmbito da Educação de Adultos o trabalho foi realizado junto dos pais e familiares. Junto deles procurou-se saber as suas necessidades e expectativas, para depois refletir-se sobre o que se poderia fazer. Após o diagnóstico realizado definimos que o projeto passaria por envolver os pais na creche, para que a mesma conhecesse melhor as crianças e os pais, e por seu lado os pais sentir-se-iam muito mais apoiados pela instituição, ganhando confiança para se envolverem com a creche.

Para ser levado a cabo o projeto, optou-se pela metodologia investigação-ação pois assim permitiu que o investigador após uma breve investigação trabalhasse no terreno e se aproximasse do público-alvo.

Para que este objetivo fosse atingido, criámos sessões informativas para os pais das crianças, e também alargámos a toda a comunidade envolvente.

Os pais, enquanto adultos, nos dias de hoje estão em constante mudanças e adaptações devido aos contínuos avanços tecnológicos. Também ao nível de cuidados com as pessoas as coisas foram-se alterando e estão sempre a sofrer alterações e a escola já não é a única fonte de conhecimento.

Neste projeto focámo-nos nessa perspetiva da mudança e alterações, e desenvolvemos sessões do interesse dos pais, para com isto conseguirem manter-se informados e conseguirmos que estes se aproximassem da instituição.

Step by step: with my schooling: parents involvement/relationship with daycare

Ana Isabel da Silva Fernandes

Professional Practice Report Master in Education – Adult Education and Community Intervention

University of Minho

2015

Abstract

This practical was developed as part of the Master Degree in Education - Specialisation in Adult Education and Community Intervention, in University of Minho in Education instituted.

The Vincentian Association in Braga opened doors last year to welcome children from 0 to 3 years old and immediately volunteered to receive trainees by University of Minho.

The Adult Education work was conducted with parents and all family. With them we tried to know their needs and expectations, and then reflect on what could be done with them. With them we tried to know their needs and expectations, and then reflect on what could be done. After the diagnosis we project would involve parents in daycare, child so that it knew best the children and the parents, and in turn parents would feel much more supported by the institution, winning confidence to get involved with daycare.

To be carried out the project, we opted for the action-research methodology which allowed the investigator, after a brief investigation, work on the ground and approach the audience.

For this goal, we have set up information sessions for parents of children, and also extended to the entire community.

The parents, as adults, are constantly changes and adjustments due to continuous technological advances. Also at the level of care people things have been changing and are always undergoing changes and the school is no longer the only source of knowledge.

In this work we focused the perspective of change, and develop parental interest sessions, for we can get these from approaching to us.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice	ix
Índice de abreviaturas	xiii
Índice de gráficos	xv
Índice de tabelas	xii
1. Introdução	1
2 . Enquadramento Contextual do Estágio	5
2.1. Descrição do contexto de estágio	5
2.2. Integração na instituição	9
2.3. Caracterização do público-alvo: diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas	12
2.4. Área de intervenção e problemática	16
3. Enquadramento Teórico da Problemática do Estágio	21
3.1. Investigações e intervenções na área e na problemática do estágio	21
3.1.1. <i>O Envolvimento Parental e a Relação Escola-Família</i>	22
3.1.2. <i>Relação creche/família: uma visão sociológica</i>	24
3.1.3. <i>Propuesta de intervención com las familias de la escuela infantil “La Locomotora ”</i>	25
3.2. Referentes teóricos	27
3.2.1. Creche	28
3.2.2. Família, papeis familiares e a socialização	30
3.2.3. Envolvimento/Relação Parental	33
3.2.4. Aprendizagem ao Longo da Vida	38
3.2.5. Intervenção Comunitária	40
3.3. Identificação de contributos teóricos no âmbito da intervenção	41
4. Enquadramento Metodológico do Estágio	43
4.1. Objetivos de investigação/intervenção	43
4.2. Apresentação e fundamentação metodológica	46

4.2.1. Paradigmas de investigação/intervenção	46
4.2.2. Seleção dos métodos de investigação/intervenção	47
4.2.3. Seleção de técnicas de investigação/intervenção	48
4.2.3.1. Técnicas de investigação	48
4.2.3.2. Técnicas de intervenção	51
4.3. Recursos mobilizados e limitações do processo	52
4.3.1. Recursos humanos	53
4.3.2. Recursos materiais	53
4.3.3. Recursos financeiros	54
5. Descrição, Discussão e Avaliação das Atividades de Estágio	55
5.1. Descrição das atividades de estágio	55
5.1.1. Atividades realizadas	55
5.1.1.1. Massagem do bebé	55
5.1.1.2. Alimentação infantil	57
5.1.1.3. “Birrinha e choraminguice. Que faço?”	58
5.1.1.4. Cuidados de higiene do bebé	60
5.1.1.5. Braga Romana	61
5.1.1.6. Dia da Família	62
5.1.1.7. Panfletos informativos	63
5.1.2. Outras atividades não planificadas mas realizadas	63
5.1.2.1. Arte na Leitura	63
5.1.2.2. Apoio Social	64
5.1.3. Atividades projetadas, mas não efetivadas	65
5.1.3.1. Grupo de pais	65
5.1.3.2. “Rotinas diárias (organização de espaços e materiais) ”	67
5.1.3.3. Sessão “Creche como espaço de educação”	68
5.1.3.4. Sessão “Desenvolvimento Motor e Cognitivo dos educandos”	69
5.2. Discussão e avaliação dos resultados	69
6. Considerações finais	79
6.1. Os resultados numa perspetiva crítica	79
6.2. Implicação do estágio a nível pessoal, institucional e a nível de conhecimentos para a Área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária	80

7. Bibliografia	83
7.1. Documentos da instituição	85
7.2. Webgrafia	85
Anexos	87
Apêndices	93

Índice de Abreviaturas

AVPSV- Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente

GAAS- Gabinete de Atendimento e Acompanhamento Social

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Sexo dos Encarregados de Educação	69
Gráfico 2 - Grau de parentesco dos Encarregados de Educação	69
Gráfico 3 - Idade dos Encarregados de Educação	70
Gráfico 4 - Participou em alguma sessão informativa?	70
Gráfico 5 - Motivos por os quais não participaram às sessões	71
Gráfico 6 - Se sim, gostou das sessões informativas/workshops promovidas pela Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente?	72
Gráfico 7 - Qual a que revelou maior interesse para si (mesmo que não tenha participado na sessão/workshop e considerando que teve conhecimento?	72
Gráfico 8 - Leu algum panfleto informativo enviado na caderneta pessoal do seu educando?	73
Gráfico 9 - Considera importante mantermos este projeto no próximo ano letivo?	74
Gráfico 10 - Participação dos pais nas atividades realizadas pela instituição	75

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Dados sobre as creches existentes em Portugal	27
Tabela 2 - Educação informal e Educação não formal	37
Tabela 3 - Objetivos gerais e específicos do projeto de estágio	43

1. Introdução

O presente relatório de estágio surge no âmbito da realização de um estágio curricular, inserido no Mestrado de Educação – Área de Especialização de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.

O estágio decorreu numa instituição particular de solidariedade social – Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente numa das valências que a instituição tem, a creche.

A creche da Associação Vicentina pretende ser um espaço onde as crianças possam crescer e desenvolverem-se a vários níveis, nomeadamente, social, afetivo e cognitivo.

Quase todas as instituições educativas atualmente são reconhecidas como um espaço de enriquecimento de relações sociais da criança contribuindo para maior tranquilidade no lar ou na creche, mas também porque são extremamente enriquecedoras para o seu crescimento social e afetivo.

Além disso, as instituições também contam sempre com o apoio dos pais nesta construção de identidade da criança, no sentido de ajudar no crescimento integral da criança. Sem a presença real e efetiva dos familiares a relação pais e creche não surge e o envolvimento parental fica sem efeito.

Por sua vez, este envolvimento, também fará com que as crianças se sintam mais seguras, e mais facilmente criam laços afetivos com as outras crianças, desenvolvendo-se de forma harmoniosa.

Porém, nem sempre, os pais têm uma tarefa fácil no que respeita à educação dos filhos, e às exigências que sofrem por parte da sociedade, e como tal também precisam de ser ajudados pelas instituições educativas na partilha de cuidados e responsabilidades, para isso é preciso apoiá-los nesse sentido.

A Associação sentiu essa mesma necessidade de se aproximar dos pais e procurou ver em que sentido poderiam apoiá-los e não se sentissem à margem da instituição, mas sim parte integrante dela.

Esta aproximação além de poder trazer vantagens para os pais, traria para a instituição, pois através deles sempre poderiam conseguir outros recursos que até lá não foi possível, além de poder ter uma maior intimidade, e conseguirem compreender melhor o ambiente em que vive cada criança que se encontra na creche.

Atualmente a creche da Associação Vicentina conta com um considerável número de crianças, e como acho que os pais devem ser parte integrante na nossa instituição, o meu trabalho passou por unir ambas as partes para estarem mais presentes no espaço educativo. Estando eles mais presentes facilmente as crianças adaptar-se-iam ao espaço educativo e sentir-se-iam mais seguras.

Posto isto, e para que assim acontecesse na Associação Vicentina, o meu projeto, com base no diagnóstico, passou por o desenvolvimento de diferentes sessões para os pais participarem e informarem-se sobre cuidados de bebés.

Este projeto, “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche” apesar de ter sido desenvolvido no contexto que foi, para mim foi aliciante pois não é muito comum trabalhar a Educação de Adultos numa creche. Porém os pais são pessoas que (des)conhecem o mundo que o rodeia e sente necessidade de se manter em constante formação e optei por trabalhar junto deles.

Esta necessidade de nos mantermos em constante aprendizagem facilmente nos leva a refletir sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida, que é tão importante nos dias de hoje.

O conhecimento que obtemos na escola não chega, e urge criar ferramentas ao dispor dos mais velhos para mantê-los em constante aprendizagem. A aprendizagem informal e não formal também faz parte do ser humano, e dota-nos de aprendizagens enriquecedoras, que podem ser uma mais valia em qualquer altura da nossa vida.

O presente relatório está dividido por diferentes pontos mas que essencialmente se dividem em duas partes e pretende dar a conhecer o trabalho desenvolvido bem como os resultados finais deste projeto a fim de saber se este envolvimento/relação realmente foi conseguida de forma objetiva ou se ficou aquém do que se pretendia.

Os primeiros relacionados com o enquadramento teórico tanto da instituição onde estive como o enquadramento teórico do tema que abordei. Os últimos contam com a abordagem do meu trabalho prático e os seus resultados.

No ponto dois, depois de uma breve introdução ao relatório, descrevemos a instituição onde desenvolvemos o projeto, fazemos uma breve introdução à problemática e descrevemos o público alvo.

No ponto três refetimos sobre alguns trabalhos já realizados no âmbito deste tema e mencionámos de forma detalhada alguns conceitos importantes para compreendermos este tema.

No ponto quatro já passámos para a metodologia do trabalho descrevendo as técnicas que utilizámos para desenvolvermos o projeto e para chegarmos aos resultados finais. Descrevemos também os métodos que utilizámos para investigar esta temática.

No ponto 5 descrevemos as atividades que estavam planeadas e as que efetivamente foram realizadas. No fim descrevemos os resultados finais da avaliação feita pelos pais e colaboradoras da creche sobre este trabalho.

Na reta final fizemos as considerações finais sobre o que foi realizado.

2. Enquadramento Contextual do Estágio

Neste tópico apresentaremos a caracterização da instituição, local onde decorreu o projeto de estágio (Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente), bem como a integração da estagiária nessa instituição. Apresentaremos, ainda, a caracterização do público envolvido no projeto fazendo o diagnóstico de necessidades, interesses e expectativas, mencionando ainda a área de intervenção e problemática do referido projeto.

2.1. Descrição do contexto de estágio

A Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente (AVPSV) foi fundada em janeiro de 1993 e está sediada na Paróquia de São Vicente, concelho de Braga.

Inicialmente esteve designada de Conferência Vicentina e nasceu pelas mãos de um grupo de pessoas que residiam na freguesia. O objetivo era "ajudar" as pessoas mais desprotegidas e carenciadas a vários níveis. Deste modo, este grupo de benfeitores procurou colmatar falhas tanto ao nível de vestuário, como de alimentação, recolhendo e distribuindo estes bens pela população carenciada da freguesia.

Com o passar do tempo, e depois de uma análise mais profunda da realidade, verificaram-se dificuldades maiores às quais já não era possível dar uma resposta adequada.

De acordo com o artigo nº 2 do capítulo I do Decreto Lei nº 119/83, a Associação Vicentina é considerada uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Foi seu fundador Manuel Queiroz, pároco da freguesia de São Vicente, em 1993. A partir desse momento iniciaram-se os contactos para a formação de uma equipa de voluntários com disponibilidade para ajudar a desenvolver uma estrutura de auxílio às crianças, jovens, famílias e idosos. Foi sobretudo por causa deste último público, considerado mais frágil, e que como tal merecia apoios redobrados, que nasceu a instituição.

A Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente prima-se pela valorização da pessoa humana, pelo respeito da sua dignidade, pela promoção do espírito de convivência e solidariedade social e pelo respeito do progresso individual ao nível cultural, espiritual e moral de todos os paroquianos. Posto isto, todas as atividades realizadas desde 1993 têm em conta o espírito de entajuda dos paroquianos e de uma consciencialização das carências do meio.

Esta entidade também colabora e coopera com outras entidades da mesma paróquia ou fora dela, desde que estas não contrariem a ética da associação e forneçam apoio técnico e financeiro para a realização das atividades.

A Associação em termos organizacionais é composta por uma Direção, um Conselho Fiscal e um Órgão de Vigilância:

"A Direção é constituída por cinco membros, entre os quais o Presidente, Pároco da Paróquia de São Vicente cuja função é gerir e orientar os serviços, convocar e presidir as reuniões e representar a Associação Vicentina; o Vice-Presidente, auxiliar do Presidente no exercício das suas funções; os dois Secretários, aos quais compete elaborar as atas das reuniões da Direção e preparar a agenda de trabalhos das mesmas e, ; o Tesoureiro cuja tarefa é receber e guardar os valores, responsabilizando-se pela gestão financeira da instituição. O Conselho Fiscal é constituído por um Presidente e dois vogais sendo sua obrigação assegurar o cumprimento da lei e dos estatutos. Por fim o órgão de vigilância que é constituído por uma só pessoa de Autoridade Eclesiástica que procura velar para que a organização tenha vida e atue da melhor forma." Estatutos da Associação Vicentina

Quanto a valências, a Associação Vicentina tem atualmente a Creche e o Gabinete de Atendimento/Acompanhamento Social (GAAS).

Outras valências que estavam previstas surgirem continuam igualmente por abrir, mas mantêm-se como prioridade por parte da Associação, surgirem o mais rápido possível. As valências estão relacionadas com a formação (cursos para adultos), apoio ao domicílio e lar de idosos. As infra-estruturas para poderem abrir as referidas valências já estão definidas, porém por falta de verbas esperadas de projetos a que a instituição concorre ao nível europeu, estas ainda não abriram.

O GAAS situa-se no Bairro da Misericórdia em Braga, e tem como objetivo fundamental:

"Assegurar o acompanhamento social dos indivíduos/famílias de forma a desenvolverem as suas potencialidades, a sua autonomia e a sua autoestima, contribuindo no fundo para a gestão do seu projeto de vida. Tenta, igualmente, prevenir situações de exclusão social e promover a melhoria das condições de vida dos indivíduos e das famílias." Estatutos da Associação Vicentina

Destina-se assim a famílias com crianças e jovens a cargo, idosos em situações de risco e/ou isolamento, a cidadãos em posição de dependência e de vulnerabilidade social e com

dificuldades de acesso a serviços e equipamentos sociais, e conta também com colaboradores que formam uma equipa multidisciplinar, composta por uma Assistente Social, duas Técnicas Superiores de Educação, uma Psicóloga e uma Administrativa.

A Creche está localizada junto das principais artérias de acesso à cidade de Braga, perto do Estádio Municipal desta cidade, num terreno doado pela Câmara Municipal. Foi construída com fundos europeus destinados criação de raiz de um Centro Social com as valências de Lar de Idosos, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e Creche.

Tem como função primordial dar uma resposta de apoio social, destinada a crianças dos quatro meses aos três anos, e está organizada em três espaços, cada um deles com características próprias. Nela existem salas com dois berçários/sala parque para bebés dos quatro aos doze meses, uma sala de aquisição da marcha dos doze aos vinte e quatro meses e uma sala dos dois/três anos.

Rege-se por um conjunto de princípios primordiais, nomeadamente:

“Proporcionar o desenvolvimento do sentimento de inclusão, através do respeito mútuo e de relações afetivas recíprocas entre a criança e o adulto responsável; Compreender a forma como a criança aprende, promovendo um ambiente que facilita a brincadeira, a interação, a exploração, a criatividade e a resolução de problemas por parte da criança; Proporcionar ao máximo o desenvolvimento das competências e capacidades de cada criança; Pensar na criança como um aprendiz efetivo e ativo, que gosta de aprender; Criar um ambiente flexível e responsivo que possa ser adaptado aos interesses e necessidades de cada criança, promovendo o acesso a um leque de oportunidades de escolha e que lhe permita crescer confiante e com iniciativa; Estabelecer uma rotina diária consistente que reforce e valorize a continuidade, para que a criança desenvolva um sentimento de pertença a um ambiente que podem prever no seu quotidiano; Dinamizar e realizar oportunidades para que a criança possa comunicar os seus sentimentos e pensamentos; Desenvolver a criatividade e as possibilidades de expressão;...” Estatutos da Associação Vicentina

Concluimos assim que é do interesse da instituição proporcionar à criança bem-estar, segurança, a nível afetivo e físico, e manter uma boa relação com a família, "numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças." (Estatutos da Associação Vicentina)

A Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente, no âmbito da procura de respostas para necessidades sociais, conta atualmente com diversas parcerias. Assim, referenciamos:

- A parceria do Banco Alimentar contra a fome.

No início de cada mês a instituição recebe alimentos, agrupados em vinte cabazes, que posteriormente são distribuídos às famílias carenciadas.

- A Câmara Municipal de Braga.

Estabelecida desde o início da Associação com a cedência do terreno para a construção do equipamento, continua a auxiliar com a prestação de serviços camarários, nomeadamente, de limpeza dos espaços exteriores.

- A Associação de Moradores do Bairro das Andorinhas.

É neste bairro que está inserida a creche da instituição e, por isso, tornou-se importante criar parceria a fim de se identificar necessidades que a instituição possa ajudar.

- A Junta de Freguesia de São Vicente.

Esta entidade auxilia no despiste de famílias que eventualmente possam passar dificuldades e das quais a instituição não tenha conhecimento.

- O Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Com esta instituição a parceria passa pelo acolhimento e acompanhamento dos estágios curriculares de alguns alunos da Licenciatura e Mestrados de Educação.

- O Patronato Nossa Senhora da Luz e o Colégio João Paulo II.

Estas são parcerias estritamente ligadas à creche. Estas entidades são parceiras na troca de excedentes; ou seja, tendo aquelas instituições crianças em lista de espera para entrarem, as famílias são aconselhadas a visitarem as instalações da Creche da Associação Vicentina para que esta as acolha, sempre que disponha de vagas. Por sua vez, da parte da creche desta Associação, quando as crianças atingem os três anos de idade, são aconselhadas a passarem para uma destas duas instituições (sendo que uma delas também é uma IPSS).

- A empresa de construção DST.

Desta empresa a creche beneficia de descontos em trabalhos de construção levados a cabo pela construtora.

- Gabinete (FACes) da Universidade Católica de Braga

Este gabinete pretende apoiar os pais em consultas do foro psicológico.

Além destas parcerias, o Instituto Português de Desporto e Juventude de Braga, a Remax São Vicente, o Instituto Britânico e a International House são entidades que, por altura do Natal, ajudam com alimentos para doar às famílias carenciadas.

2.2. Integração na instituição

Após o pedido de realização de estágio na Associação Vicentina, tivemos uma reunião no início do mês com a Diretora Técnica, Mestre Ana Gomes, que desde logo mostrou as instalações e debateu connosco o possível trabalho que poderíamos vir a desenvolver na creche da Associação. Importa ressaltar que este equipamento social ainda não estava aberto quando lá chegámos, mas a sua abertura estava agendada para novembro. Caso a instituição não desenvolvesse a sua atividade dentro dos prazos pretendidos, a solução passaria por uma intervenção junto da paróquia de São Vicente, uma intervenção aberta a toda a comunidade vicentina.

Desta reunião resultou que, em função do âmbito de intervenção do nosso curso e do público que tínhamos para podermos trabalhar, iríamos intervir junto dos pais, apresentando-lhes um pequeno inquérito a fim de descobrir quais as necessidades e expectativas que teriam em relação aos cuidados a ter com os seus filhos e a nível pessoal.

Posteriormente ficámos a saber que a nossa acompanhante de estágio seria a Diretora Técnica, e que no início do mês de outubro poderíamos começar a estagiar, ainda que não tivéssemos público para trabalhar de forma direta.

No nosso primeiro dia de estágio, o primeiro contacto foi com a nossa acompanhante e uma educadora de uma das salas da instituição e a sensação com que ficámos foi de grande apoio por parte das mesmas face ao desafio que iniciávamos.

A Diretora começou logo por apresentar a sala onde ficaríamos a trabalhar, e cedeu-nos desde logo documentação da instituição, para nos podermos inteirar da situação, de modo a podermos-nos integrar por completo na instituição. Deste modo, pudemos, através dos estatutos, conhecer os seus valores, objetivos e o projeto educativo pelo qual se orientavam. Por não termos quase ninguém na instituição a não ser a educadora e a Diretora Técnica, os nossos primeiros dias foram dedicados à revisão de literatura bem como à redação do plano de atividades no computador.

Apesar deste obstáculo, logo no início da nossa passagem pela instituição, a fase de integração foi fácil e simples, apesar de forma lenta e gradual.

Para nós o mês de novembro foi fulcral para o desenvolvimento do projeto pois a instituição obteve a aprovação para poder abrir as portas à comunidade bracarense.

A partir daí trabalhou-se na divulgação da instituição (cfr. Anexo I), por meio das redes sociais e em jornais locais, para que todos os interessados pudessem vir até à instituição conhecer melhor os seus propósitos e as respetivas instalações. Com esta aprovação ficou definida que a nossa intervenção passaria por estar junto dos pais e familiares deixando de parte a hipótese do público – alvo ser a comunidade paroquial de São Vicente. Porém não as deixámos de parte, e ainda que não estivessemos a trabalhar junto deles, a comunidade foi sempre convidada a participar nas atividades que a creche desenvolveu. Desta forma além de conseguirem receber mais formação e informação, conseguiam conhecer mais de perto esta Instituição Particular de Solidariedade Social, e conhecer o trabalho por ela desenvolvido.

Entretanto avançámos com a entrega dos inquéritos por questionário (cfr. apêndice I) a todos aqueles que já tinham feito a inscrição e também a todos os inscritos no GAAS com crianças que têm idade para estar na creche, para que a amostra fosse mais significativa e para que conseguíssemos conseguir um resultado mais alargado das necessidades e expectativas sentidas pelos pais, ao mesmo tempo conseguíamos captar mais pais para o nosso projeto.

Finalizada a entrega dos inquéritos procedemos à análise dos mesmos e verificámos que as ações de sensibilização era uma proposta bem aceite pelos pais, e que estes até achavam bem criar um Grupo de Pais. Referenciaram que pretendiam igualmente poder contar com a instituição na partilha de cuidados e responsabilidades.

Posto isto, delineámos os objetivos do projeto e em que é que iria consistir e no fim demos um nome ao trabalho que desenvolvemos.

O projeto “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche” tinha como objetivos primordiais cooperar com os pais e familiares na partilha de cuidados e responsabilidades e envolver os pais na creche. O projeto em si ficou definido que iria consistir em programar ações de sensibilização e tentar criar um Grupo de pais.

As ações sobre a alimentação, o desenvolvimento motor e cognitivo da criança, as massagens para bebés e “o porquê do seu filho chorar”, foram as que obtiveram mais votos e por isso procurámos começar a desenvolver o projeto com estes temas. Além das palestras e workshops, achámos por bem logo que se iniciassem as sessões se comesse a realizar uma exposição fotográfica relacionada com as palestras ou workshops, para dar a conhecer aos pais e familiares que não puderam estar presentes em alguma ação desenvolvida e tentar motivá-los a participarem nas próximas ações.

Outro tipo de aproximação da instituição aos pais e familiares na divulgação de informação sobre cuidados com as crianças foi a elaboração panfletos informativos.

Entretanto, a Associação desejava aproveitar os recursos vindos do exterior que pudessem ser uma mais-valia para a instituição, e começámos também a trabalhar nesse sentido estabelecendo parceria com a unidade de Psicologia da Universidade Católica de Braga, o gabinete FACes. A fim de se selar esta parceria, fez-se a primeira ação de sensibilização para os pais sobre "choro e birra" e criou-se também um espaço para os pais terem apoio, por parte da instituição, no que concerne a cuidados relacionados com a Psicologia. É importante referir que a unidade de Psicologia da Universidade Católica tem um gabinete, muito recentemente aberto, de apoio à comunidade em diversos âmbitos.

Para finalizar, foram regulares as idas à biblioteca para fazer revisão de literatura e assim poder aprimorar mais o plano de trabalho e o projeto de intervenção.

Além disso, decidimos criar grelhas de avaliação para os participantes para darem a sua opinião sobre as atividades realizadas e sugerirem outras (cfr. apêndice II). Uma outra grelha foi criada para avaliarmos as atividades, com vista a alterar aspetos menos positivos (cfr. apêndice III). Neste trabalho de melhoria e aperfeiçoamento, tivemos, igualmente, algumas conversas informais com a orientadora para podermos definir as estratégias, debatermos resultados dos inquéritos e falarmos de alguns aspetos que ainda não tinham sido expostos. Também iam surgindo à medida que a Diretora Técnica ia recebendo novidades por parte da Segurança Social e à medida que nós tínhamos novidades ou dúvidas sobre o projeto.

Para além da revisão de literatura no início do houve bastante entreajuda da nossa parte e da instituição, que sempre se dispôs a esclarecer dúvidas, facultar documentos e contactos para possíveis parcerias, o que foi uma mais-valia para o nosso projeto. Da nossa parte sempre nos empenhámos e demonstrámos dedicação para que tudo corresse pelo melhor e também nos disponibilizámos para colaborar com qualquer atividade que a creche precisasse.

Sempre que possível procurámos dar o plano de atividades à Diretora Técnica para ela ter conhecimento do que estávamos a escrever e ao mesmo tempo ajudar-nos a melhorar o plano.

A análise documental foi feita quando ocorria a revisão de literatura sobre o tema do estágio, sobre o historial da Associação e respetivo projeto educativo da Creche.

Através da análise conseguimos obter dados relevantes para escrever no plano de atividades, conseguimos fundamentar o nosso projeto e conseguimos elaborar os inquéritos por questionário.

2.3. Caracterização do público-alvo: diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas

A intervenção centrou-se nos Encarregados de Educação e, conseqüentemente, as famílias das crianças inscritas na Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente (AVPSV).

A creche da AVPSV considera que os familiares são essenciais para que o seu projeto educativo seja bem concebido. Prova disso mesmo é no seu projeto educativo mencionar-se que as "pessoas mais velhas que rodeiam a criança e desempenham um papel fundamental uma vez que um dos principais meios de educação consiste na imitação por modelagem", e destaca-se que estes devem ser capazes de "(...) encorajar as crianças, conversarem sobre os temas, manterem condutas corretas face aos problemas sociais e familiares que surjam."

Deduz-se por estas palavras que quando falamos de "pessoas mais velhas" falamos dos pais, avós, tios, irmãos mais velhos... Porém o termo "família" é muito mais complexo do que aparenta, pois as mudanças económicas, políticas, sociais e culturais a que assistimos fizeram surgir uma diversidade de tipos de família que dificilmente se enquadram numa única definição, segundo nos diz a Ordem dos Enfermeiros (2008, parag.3).

Hoje falar de família é delicado, a maioria das crianças que se encontra nas creches vive só com um dos progenitores, ou então estão encargo de avós ou tios; outras são órfãs e outras por vezes apesar de terem pais não são devidamente acompanhadas por eles e cabe às instituições de cariz educativo e social trabalharem na aproximação de ambas as partes para que a criança se sinta segura e não falte qualquer tipo de apoio a elas e à família.

Todos os Encarregados de Educação atualmente têm imensas obrigações, as quais não podem ser esquecidas quando queremos o melhor para os nossos educandos. Estas vão desde:

"As interações afetivas necessárias ao pleno desenvolvimento da saúde mental e da personalidade madura de seus membros, passam pela aprendizagem da higiene e da cultura alimentar (...) Essa complementaridade se dá através de ações concretas no cotidiano das famílias, o que permite o (...) incentivo para o autocuidado e, não menos importante, o apoio emocional." (Henriques, 2009, p.37)

As crianças sentindo-se apoiadas emocionalmente, cabe às instituições trabalharem para criar um clima de confiança com os pais e familiares delas, para que estes últimos mencionados sintam confiança para deixarem os seus educandos na instituição. Porém este passo para

começar o relacionamento deve começar por parte da instituição, através de conversas informais e posteriormente atividades que envolvam os pais e educandos. Só assim é que as famílias sentirão apoio e sentir-se-ão mais à vontade para uma relação mais aberta junto da direção técnica e educadoras.

Posto isto este envolvimento passa por ajudar os pais na partilha de cuidados e a procurar que se mantenham sempre atualizados sobre os distintos assuntos que de alguma forma dizem respeito aos educandos.

A Associação Vicentina quer cooperar com os pais no relacionamento entre pais e filhos e, uma vez que a creche existe à menos de um ano, pretende demonstrar aos pais que nesta comunidade educativa eles são parte importante no desenvolvimento do projeto educativo, que podem contar com a creche para tudo, incluindo o aumento de conhecimentos sobre cuidados relativos à criança e que podem ver a creche como uma segunda casa onde há conforto e bem-estar para os seus educandos e podem contar com ela para o que precisarem.

Após a realização dos inquéritos constatámos que os Encarregados de Educação são do sexo feminino, com idade compreendida entre os vinte anos e os quarenta e cinco anos de idade, sendo cinco casadas e duas solteiras.

Destas mesmas Encarregadas de Educação quatro encontravam-se desempregadas, duas trabalhavam como técnicas superiores e uma como funcionária de balcão. Verificámos também que apesar de haver licenciadas e pessoas com o 12º ano havia também uma pessoa com o 9º ano e uma com o 6º ano. Pudemos concluir nestas respostas dadas que era um grupo de Encarregadas de Educação heterogéneo e que poderia causar alguma discrepância entre pais. Este aspeto interessou-nos na nossa investigação, pois interessá-va-nos que a participação dos pais fosse equalitária. A intenção era não deixar de lado quem não tem tantas habilitações académicas mas sim, construir de uma relação estreita entre pais e entre pais e instituição e que esta fosse uma realidade efetiva e não apenas uma utopia.

Se esta relação ocorresse, os pais que não têm tanto à vontade para falar por terem medo de errar devido à falta de formação escolar, poderiam ser um motivo para criarem melhores condições de vida à família, nomeadamente às crianças, e possivelmente estariam mais atentos aos contextos de envolvimento da criança, designadamente ao contexto educativo e estariam mais motivadas para procurar o melhor para os seus filhos.

Outras questões foram abordadas, nomeadamente as seguintes:

“Motivo pelo qual entrou a criança na creche?”

Responderam que se relacionava com o desejo da criança se ambientar, conviver com outras crianças (5); por necessidades económicas (4); por motivos profissionais (3) ou para que as crianças ganhem rotinas sadias (5). Somente uma Encarregada mencionou que o que a motivou se devia ao facto de gostar de ver o filho integrar-se no sistema de ensino. A resposta que obteve mais votos permitiu-nos compreender que os pais têm interesse em ver os filhos a conviverem desde cedo, para que consigam integrar-se desde cedo na sociedade que vivem.

Outra questão: *“Considera importante para a sua formação, enquanto encarregado de educação, que a creche da Associação Vicentina tenha periodicamente sessões de esclarecimento e outras atividades, acerca de cuidados para bebés?”*

Seis Encarregadas de Educação responderam positivamente; somente uma pessoa não achava por bem haver sessões de esclarecimento.

De seguida: *“Caso ocorram ações de sensibilização promovidas pela creche, gostaria de participar?”*

Também seis encarregadas mencionaram que sim e uma que não. Estas respostas dadas às duas últimas questões ajudou-nos a definir em que é que iria consistir o projeto e acima de tudo deu-nos motivação para desenvolver o projeto pois reparámos que íamos encontro dos interesses dos pais.

Outra questão (de resposta aberta): *“Que assuntos associados aos cuidados de bebés mais gostaria de ver tratados?”*.

As Encarregadas de Educação referiram assuntos como a alimentação (3), o choro do bebé (2) e, com menos frequência, disseram mensagens (1), cuidados de saúde (1) e espaços mais adequados para bebés (1). Um inquirido não quis responder a esta questão.

De seguida questionámos: *“Sobre o seu bebé, gostaria de aumentar conhecimentos em que áreas?”*

Apesar da questão parecer repetitiva, desta vez expusemos hipóteses de resposta, para ver se as respostas nos ajudavam a recolher mais informação para o nosso projeto e, no nosso entender, as respostas foram diferentes.

Também gostavam de saber sobre “melhor musica para bebés”, com sete (7) respostas, “massagens para bebés” (5). Com menos intenção de ver tratado esse assunto, mas ainda assim com quatro votos, gostavam de saber mais sobre o “Desenvolvimento motor do bebé” (4), “Rotina diária (organização de espaços e materiais)” (4) e sobre “o desenvolvimento cognitivo e cerebral para bebés” (3). O “dormir do bebé” (2), “Currículo para bebés (desenvolvimento do

bebé por fases) ” (1) e a “importância da socialização e desenvolvimento emocional” (2) são assuntos a que os pais dão menos importância.

Quanto à possibilidade de se criar um grupo de pais, seis disseram que consideravam útil e um inquirido respondeu negativamente.

A última questão prendeu-se com as expectativas da relação entre a família e a creche. Colocámos também algumas hipóteses de resposta, e obtivemos por parte dos pais as seguintes respostas: pretendem que haja uma boa relação entre os educadores e as crianças (6); que haja uma cooperação entre família e creche, numa partilha de responsabilidades e cuidados (5); que a criança se desenvolva e hajam ações de esclarecimento (4), e, por fim, com menos frequência mencionam a importância do convívio entre educadores e crianças (2) e a participação mais ativa dos Encarregados de Educação na vida escolar (1). Sendo assim a intenção dos pais era que houvesse uma boa relação entre educadores e crianças e que as responsabilidades e cuidados fossem partilhados.

Posto isto, cremos que o nosso trabalho tornou-se mais facilitado, pois as intenções dos encarregados de educação e instituição eram as mesmas. No entanto, pareceu-nos contraditório um aspeto: os pais referiram que gostavam de partilhar cuidados e responsabilidades, mas não queriam muito convívio entre a instituição e os familiares; o que nos fez pensar que existe uma certa resistência por parte dos pais em interagirem com os educadores, apesar de quererem que os ajudem na partilha de cuidados. Outra resposta dada que nos fez pensar, e, consequentemente, analisá-la foi a seguinte: os pais querem ver bem os filhos na instituição, mas não se querem envolver diretamente com os educadores.

Para nós esta questão levantou-se porque se os pais desejam saber como é que o filho se encontra na escola então deve procurar familiarizar-se com a comunidade educativa, nomeadamente os educadores. Estes são os promotores da integração e do desenvolvimento da criança dentro da creche, e é com eles que as crianças estão durante o dia, pelo que se esta aproximação não acontecer achámos que esta relação fica muito aquém das expectativas, além de nos dificultar o trabalho que decidimos realizar.

Desta forma a nossa intervenção passou por aproximar mais a família dos educadores de forma a conseguirmos que a relação entre a família e a creche fosse uma realidade.

2.4. Área de intervenção e problemática

Este projeto, tendo em conta a área de mestrado no qual realizámos estágio curricular, centrou-se nos pais das crianças inscritas na creche e demais familiares e de forma mais indireta a comunidade envolvente.

A educação de adultos tem características muito próprias, não se restringe à mera formação de adultos. Enquanto a formação de adultos se associa a dimensões mais instrumentais, a educação, essa, visa corresponder às necessidades de desenvolvimento integral do ser humano. Assim, segundo Barros (2013 p.44)

“A educação implica que as aprendizagens sejam conceptualizadas de forma própria e defini como finalidade última o desenvolvimento integral do ser humano. (...) É também um processo ativo de emancipação individual e coletiva, um modo de expressão e de desenvolvimento individual e coletivo.”

Assim, com estes propósitos, a Educação de Adultos revela-se como uma forma da pessoa crescer em diferentes níveis (físico, cognitivo, afetivo e outros), reconhecendo a importância de se manter ativo e reconhecedor de que o mundo está em constante mudança e de que, portanto, é necessário a pessoa manter-se também em constante atualização.

Com a Declaração de Nairobi (1976), saiu uma das imensas definições de Educação de Adultos:

“A expressão educação de adultos designa a totalidade dos processos organizados de educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais ou não formais, quer prolonguem ou substituam a educação inicial ministrada nas escolas e nas universidades, e sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultos pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação, e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspectiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento social, económico, cultural equilibrado e independente.”

Em boa verdade não há somente uma definição de Educação de Adultos, mas todos são unânimes no que concerne à sua finalidade que é: educar para emancipar reconhecendo que é importante o adulto desenvolver-se a todos os níveis. A sua participação ativa permite reconhecer

que cada adulto é parte integrante da sociedade e que a sua opinião deve ser tida em conta, pois sem conscientização, como defende Paulo Freire, não há mudança e sem mudança não há evolução.

A UNESCO também definiu objetivos para a Educação de Adultos: uma compreensão crítica do mundo; a tomada de consciência e a melhoria das relações do homem com a natureza e com a cultura; o desenvolvimento das diferentes formas de comunicação e solidariedade; e capacidade de aprender a aprender. (2013, p.49)

Assim facilmente verificámos a necessidade de envolver os pais das crianças nas atividades da instituição como forma de os apoiar nas suas necessidades, e de os motivar desde cedo a envolverem-se com o meio escolar, onde os seus filhos estão inseridos. Assim, tomam consciência da importância de um bom relacionamento com o homem e o ambiente que o rodeia, e da capacidade de aprender a aprender.

Os pais e demais familiares são importantes no meio escolar na medida em que sem eles não se proporciona um bom ambiente entre comunidade escolar- família e creche- e, por isso, toda a comunidade educativa deve sentir-se na obrigatoriedade de procurar ajudar os pais naquilo que necessitem.

Por vezes sabemos que o nascimento de um filho além da alegria de ter mais um membro na família, surge stress devido aos cuidados e responsabilidades que um bebé exige, e pela adaptação dos pais a uma nova realidade conjugal e familiar.

Também hoje, devido à emancipação da mulher, a obrigatoriedade da mãe estar presente em casa para acompanhar a educação dos seus filhos já não se verifica. Atualmente, muitas mães abdicam do tempo a que têm direito nos primeiros meses de vida do seu filho para trabalharem, devido à precariedade dos empregos. Também pode acontecer, embora com menos frequência, de os pais ficarem em casa em substituição da mãe. Contudo, ao fim da licença de maternidade/paternidade a que têm direito, a maioria dos pais que exercem atividade profissional são obrigados a procurar instituições para deixar os seus filhos.

Os que optam pela creche contam com o apoio do educador na partilha de cuidados e responsabilidades e na promoção de uma relação de confiança. Para que dê frutos este envolvimento, no sentido de melhorar a qualidade dos cuidados, e para que os pais sintam que no espaço escolar existe a preocupação com o bem-estar da criança, e a predisposição para ajudá-los a crescer ou desenvolverem-se a todos os níveis, de ambas as partes deve haver predisposição para que tal aconteça. Também é igualmente importante que exista um bom

vínculo parental. Só assim é que os pais sentir-se-ão motivados a participar nas atividades pedagógicas que ocorram ao longo do ano letivo.

A forma de participação, quando falamos de educação de adultos, deve ser sempre voluntária, autónoma e empenhada. É importante que as pessoas se disponham livremente, de forma a serem o mais espontâneos possível. Sem vontade de participar o adulto não consegue envolver-se, nem consegue dar o melhor de si em prol do seu próprio desenvolvimento pessoal e social. Cabe ao educador de adultos sempre que possível aproveitar os conhecimentos e experiências de cada um para que melhores resultados se consigam (numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida).

A palavra desenvolvimento implica, segundo Vila (1998, p.34)

“...modificaciones globales, duraderas e irreversibles en la conducta de la personas; 2) son procesos de cambios comunes a todos los miembros de la especie y, por tanto, universales e independientes de los contextos, físicos o culturales, de desarrollo de las personas y 3) son procesos de cambio internos, naturales y espontáneos...”

Por tudo isto podemos confirmar que, se desenvolvimento implica mudanças internas e que se tornam duradouras e irreversíveis, então é importante promover o desenvolvimento das pessoas, pois tudo ao longo dos tempos (crenças, conhecimentos, ideias, ...) vai-se alterando ao longo da nossa vida.

A escola por sua vez deve procurar abrir portas, e ajudar neste processo de desenvolvimento dos pais, pois os pais nunca têm conhecimentos de tudo, e o que sabem, por vezes, não sabem como aplicar em termos práticos.

Sem este claro envolvimento não há relação família e comunidade educativa.

De forma mais indireta mas que também tivemos em conta nosso projeto foi a comunidade envolvente.

Além dos pais e familiares também quisemos abrir portas à comunidade envolvente para participarem nas nossas iniciativas.

Felizmente todos os dias nascem crianças, todos os anos surgem alterações ao nível de cidadãos das crianças e exige-se uma constante atualização para evitar falhas.

As nossas iniciativas assim como interessavam aos pais da nossa creche também poderiam agradar a todas as pessoas fora da creche, tivessem elas crianças ou não.

Assim, resolvemos divulgar todas as iniciativas pelos mais diversos meios, para que todos os interessados viessem até junto da creche conhecer e participar nas nossas iniciativas.

Esta comunidade aqui descrita remete-nos para a reflexão sobre o termo intervenção comunitária.

Segundo Pérez (2008, n.d.) adaptado de A. Sánchez Vidal:

“ La intervención comunitaria puede entenderse como una serie de acciones o influencias -sean éstas planificadas o no planificadas- dirigidas a problemas que se manifiestan dentro de los sistemas y procesos sociales que inciden en el bienestar psicológico y social de los individuos y grupos sociales...”

Os seus objetivos são:

“1.- El desarrollo humano integral y la reducción de los problemas psicosociales que lo impiden. 2.- La promoción del sentido de comunidad y una perspectiva positiva de autodirección. 3.- El fortalecimiento personal y comunitario.”(Idem)

Deste modo procurámos entrar em colaboração e parceria com a comunidade a fim de aumentarem os seus conhecimentos sobre aspetos que (des)conhecem e promover o sentido de comunidade onde todos têm um objetivo comum, ao mesmo tempo, que se sentem realizados pessoalmente fomentam o convívio com outras pessoas.

3. Enquadramento Teórico da Problemática do Estágio

Neste ponto falaremos das investigações realizadas sobre este tema por outros investigadores, e que se revelaram importantes para refletirmos sobre o tema. De seguida explicaremos os conceitos que para nós são bastante importantes para aprendermos um pouco mais sobre a temática retratada neste relatório.

3.1. Investigações e intervenções na área e na problemática do estágio

São várias as investigações feitas no campo da família, da qual se tem estudado, cada vez mais, devido às alterações que tem sofrido em pleno século XXI.

Atualmente as várias alterações ao nível dos papéis familiares nomeadamente o ingresso da mulher no mundo laboral exigiu que estas procurassem soluções para deixar os seus filhos durante as oito horas de trabalho.

Surgiram, então, as creches, que em muito têm vindo a ajudar os pais na partilha de cuidados, apesar de, na década de noventa, ter prevalecido a ideia de que a criança que fosse para este tipo de instituição estivesse sujeita a apanhar mais doenças e não tivesse o devido acompanhamento a nível afetivo, dando preferência à família como recurso, quando a mãe não podia ficar em casa para cuidar das crianças. Contudo, têm cada vez mais procura pois, mal terminada a licença de maternidade e/ou paternidade, os pais têm que regressar à respetiva atividade profissional.

A creche deve, portanto, ser um espaço educativo aberto à comunidade para uma relação de maior proximidade, de modo a que haja mais envolvimento e confiança no trabalho que desempenham. Só assim será possível identificá-la como um espaço de crescimento e desenvolvimento das crianças e estas sentirão vontade de estarem naquele espaço educativo.

Esta construção de proximidade deve começar o mais cedo possível e passa por o educador em primeiro lugar promover tal relação.

Segundo Lopes (2012, p. 16) citando Simões “A importância do papel da família não pode ser minimizada” pois “A família sabe (ou deveria saber) melhor do que ninguém as dificuldades e necessidades que a criança sente, pois tem um conhecimento único e global da criança”, e se a creche é o prolongamento do lar, não faz sentido que as famílias não sejam participantes ativas na creche e nas conquistas diárias dos filhos.

Este tema já tem sido investigado por diversos estudiosos, sendo vários os trabalhos acadêmicos já realizados sobre o envolvimento parental nas escolas, nomeadamente em creches.

Posto isto de seguida apresentaremos três trabalhos que merecem destaque e que ajudarão a compreender melhor o porquê do envolvimento parental e os benefícios nele implícitos, tanto para os pais como para as crianças.

3.1.1. O Envolvimento Parental e a Relação Escola-Família

O presente texto enquadra-se na realização do relatório de estágio do grau de Mestre em Ciências da Educação, na Especialidade de Ativação do Desenvolvimento Psicológico na Universidade de Aveiro, e tem como tema *“O Envolvimento Parental e a Relação Escola-Família”*.

Este estudo compara o meio rural e o meio urbano em seis escolas primárias de Aveiro, nomeadamente três em cada meio. Da amostra, fizeram parte 123 professores e 220 pais das seis escolas.

A investigadora deste estudo, Hilda Rocha, referenciou que os Encarregados de Educação, na sua maioria, eram mulheres (quase 72%), acentuando, ainda os tempos de hoje como antigamente, a responsabilização da educação das crianças à mulher.

Os professores referiram, em resposta ao questionário, que procuravam estar com os pais pessoalmente várias vezes durante o ano para comunicarem sobre aquilo que mais valorizavam. Nos pais do meio urbano era a participação deles nos trabalhos de casa dos filhos, já os do meio rural valorizavam a participação nas atividades da escola, deixando de parte a outra opção mencionada no questionário que falava da “participação dos encarregados de educação nas tomadas de decisão na escola”, levando-nos a crer que os professores ainda sentiam algum constrangimento pela presença dos pais em espaço escolar.

Todavia Rocha (2009, p. 202) afirmou que “...estes (meio urbano) estão cada vez mais participativos no processo escolar dos seus educandos...” mas permanecia ainda alguma resistência à participação no meio escolar.

Os professores do meio rural procuravam chamar os pais mais vezes à escola para que estes se envolvessem mais; já os do meio urbano preferiam alertá-los para ajudarem os filhos na resolução de tarefas.

Para este entrave Rocha (2009, p. 220) referiu mesmo que deveriam existir programas de participação, de modo a proporcionar soluções que possam ir ao encontro dos seus problemas e interesses.

A falta de tempo para ir à escola, para estar com os educandos, a falta de interesse dos Encarregados de Educação ou até mesmo a confiança que depositavam na instituição educativa (como fonte de transmissão de saberes e valores), fez com que os encarregados de educação não se envolvessem mais.

Por seu lado os educadores de ambos os meios (rural e urbano) também mencionaram que a pouca formação na área do envolvimento parental também é motivo de resistência. Porém revelaram que esta aproximação entre os dois seria indispensável na educação das crianças. Já os pais, por sua vez, revelaram que iam à escola várias vezes durante o ano quando pretendiam saber acerca do percurso escolar do filho, disponibilizando-se para qualquer atividade que a escola promovesse, ou sempre que esta pedisse, afirmando que as relações que têm com os professores eram boas e sempre que necessário encontrar-se-iam.

Em casa, os pais do meio rural, procuravam estar todos os dias (pelo menos duas horas) com os filhos, já os do meio urbano mencionaram que, por motivos profissionais, não dedicavam o tempo que gostariam.

Os pais pretendiam ainda que a escola transmitisse mais conhecimentos aos seus filhos e que promovesse a socialização.

Na reta final desta mesma investigação mencionou-se a importância que deveria ser dada à estrutura social e ao clima emocional, no qual a educação decorre, pois interfere na vida da criança e esta merece crescer em harmonia neste mesmo ambiente.

No final da investigação os educadores explicaram que, relativamente aos pais na participação e intervenção escolar, receavam que os familiares controlassem a instituição educativa. Por seu lado os pais também referiram que não sabiam como entrar neste relacionamento pois, por vezes, acham que as diferenças a nível de linguagem os prejudica, considerando também que as aprendizagens de hoje não são feitas como outrora.

Para finalizar, os professores disseram que, como solução a esta problemática, seria bom aproveitar e rentabilizar todos os recursos disponíveis, tanto na comunidade como na família.

3.1.2. Relação creche/família: uma visão sociológica

A presente investigação foi realizada no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho no âmbito do Mestrado de Sociologia na Infância.

Nesta investigação estudou-se a relação entre a família e a creche na educação das crianças e cujos objetivos primordiais era entender qual o nível de envolvimento e relação dos pais nesta instituição e aquilo que representava para a família na educação das crianças.

Este estudo foi desenvolvido em quatro creches da cidade de Guimarães. Participaram nesta investigação 44 pais (11 de cada instituição), 9 educadoras de infância e 10 auxiliares de ação educativa.

A maior parte das educadoras e auxiliares, em resposta à questão relativa à opinião que tinham sobre a presença de crianças em casa, referiram que a vinda das crianças para a creche ajuda no desenvolvimento das mesmas.

Já a questão sobre a creche em relação à família, tanto as educadoras como as colaboradoras foram unânimes e responderam que a creche é um suplemento/continuação das experiências familiares.

Todas educadoras e auxiliares revelaram que tinham uma boa relação com os pais e que quase todos os pais tinham uma relação ativa com a escola, embora algumas referissem que só participavam quando solicitadas.

Henriques (2009, p. 132) mencionou ainda que “... esta ideia vem reforçar a tese de que, hoje em dia, os pais dispõem cada vez de menos tempo para estarem com os filhos, devido às suas obrigações profissionais. Assim, a creche tenta ajudar as crianças, embora não seja uma substituta da família. Cada um desempenha o seu papel.”

No entanto as educadoras revelaram que tentam promover essa relação, motivando os pais a participarem em diversas atividades diárias e/ou festivas. Porém, uma das auxiliares referiu que há pais que se intrometem em certas questões, nomeadamente no que respeita a rotinas da instituição, causando, assim, desconforto e mesmo oposição a esta participação.

Relativamente às entrevistas feitas aos 44 pais, 40 são mães e somente 4 são pais, denotando-se, pois, a figura “mãe” como aquela que é responsável pela educação dos filhos.

Os pais afirmaram que a escola sempre esteve aberta para uma possível colaboração com os mesmos e que estes tinham uma boa relação com a escola mas que só participavam na vida da creche quando eram solicitados pelos profissionais.

Consideravam fundamental existir essa relação (pais-creche) para o desenvolvimento equilibrado da criança e afirmaram também que gostavam de participar mais mas, muitas vezes, devido ao horário de trabalho, não lhes era permitido estar presentes tantas vezes quantas seriam necessárias; outras vezes, porque não estavam interessados quanto o desejável ou porque tinham alguma timidez e ficavam na retaguarda esperando, com algum receio de correr riscos. Este facto deve-se muitas vezes à falta de instrução.

Para concluir, a investigadora mencionou que para a relação escola/família fosse possível Henriques (2013, p. 156) disse que “...será necessário que a escola se abra para os pais e comunidade envolvente, permitindo que estas possam participar de uma forma mais activa nas actividades da escola.”

Posto isto acreditamos que este trabalho, apesar de não ter tido uma componente prática, corrobora com a nossa intenção, isto é, concorda que a participação ainda é quase nula; no entanto refere que a participação dos pais na escola é fundamental tanto para que eles possam recorrer a este espaço educativo consoante as suas necessidades como para o bom desenvolvimento da criança.

3.1.3. Propuesta de intervención com las familias de la escuela infantil “La Locomotora”

Este trabalho foi realizado no âmbito de uma tese de mestrado de Educação Infantil da Faculdade de Educação na Universidade Internacional de Rioja por Ana Roy.

Ana Roy foi diretora numa instituição de cariz educativo “La Locomotora” e percebeu que havia necessidades sentidas pelos pais aos quais estes não tinham quem os ajudasse.

Nesse sentido procurou desenvolver um trabalho junto deles, procurando que as suas dúvidas, enquanto pais que queriam o melhor para os seus filhos, fossem dissipadas recebendo mais (in)formação da parte da escola que, além de educar, pretende ser vista aos olhos dos pais como um lugar onde estes podem receber apoio e onde podem também participar ativamente.

Roy (2013, p. 2) citando Zebala frisou que:

El ritmo de nuestra sociedad es trepidante, exigente, tanto para los niños como para los padres, las estructuras familiares han cambiado, los medios de comunicación ejercen una gran influencia sobre ellas, las nuevas tecnologías a veces sustituyen a las formas tradicionales de comunicación, por outro lado, hay un gran desconocimiento sobre aspectos basicos en la evolución y desarrollo de

los niños y, todo esto, provoca en las familias un desasosiego y un sentimiento de culpa por no saber estar a la altura de las circunstancias, a la altura de lo que se espera de ellos como padres.

Quer isto dizer que a juntar a este ritmo frenético da sociedade temos as tecnologias que influenciaram, e muito, a vida das pessoas proporcionando novas formas de comunicar e provocando a ausência de convívios com as pessoas e o aumento de encontros virtuais.

Esta investigação alertou para a necessidade das crianças conviverem e, assim, aprenderem a saber estar, aprenderem a saber fazer e a conhecer o meio que o rodeia sempre com o devido apoio dos seus Encarregados de Educação e da instituição em que se encontram inseridos.

Assim Roy (2013, p. 2) procurou que a instituição educativa fosse “... un espacio donde los padres puedan expresar sus emociones, compartir sus miedos, sus ilusiones, dejar atrás la ansiedad que sienten ...” pois a etapa dos zero aos três anos de vida das crianças é marcada por grandes mudanças e por novas aprendizagens das quais, às vezes, os pais não sabem como lidar.

Posto isto a ideia deste projeto era conseguir uma cooperação escola- família.

Roy denotou que os pais delegavam na escola funções familiares devido à falta de tempo ou desconhecimento de como tratar de determinados assuntos. Assim achou por bem permitir abrir a escola aos pais para que eles pudessem contar os seus medos e inquietações, sem serem julgados por desconhecimento.

Tinha como objetivos primordiais favorecer a autoestima dos filhos, desencadeando atividades que permitissem aos pais estarem mais tempo com os seus educandos, tendo em conta as propostas das famílias, proporcionando canais adequados para poderem dar a sua opinião e elaborar instrumentos para obter informação sobre as dificuldades que se dão nas relações escola-família e o grau de implicação das famílias no funcionamento da escola. (2013, p.4)

As atividades realizadas transpuseram-se por conversas informais uma vez por mês, onde educadores e pais se reuniam e contavam as dificuldades que sentiam ou comentavam situações que aconteciam aos seus filhos.

Na mesma escola, houve também espaço para a recolha de brinquedos, destinados a crianças com dificuldades económicas. Efetuaram-se representações de teatro entre pais e filhos, jogos lúdicos com os avós, técnicas de relaxamento, bem como reflexões sobre filmes que assistiram (pais e educadores) e, ainda, debates entre eles.

Do ponto de vista dos pais, adoraram a experiência e consideraram as atividades enriquecedoras pois, além de novos conhecimentos que adquiriram, criaram-se laços importantes. Referiram igualmente que sentiram-se valorizados pois foram escutados, sendo as propostas que eles lançaram tidas em conta para a definição do projeto.

As crianças também beneficiaram de vários encontros junto dos pais.

Desta forma concluímos que o projeto foi bem concebido e que todos se sentiram parte ativa do mesmo.

3.2. Referentes teóricos

O tema deste projeto “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche” levou-nos a observar e refletir sobre alguns aspetos, que mereciam destaque neste ponto para melhor podermos compreender o que fazer junto da Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente.

Esta problemática apesar de parecer simples de compreensão merece algum esclarecimento sobre o que é o envolvimento e relação; se ambas têm ligação ou não; o que é a família e quais as suas mudanças em relação a seus tipos ao longo dos tempos e os papéis que cada um desempenha dentro do seio familiar.

Atualmente sabe-se que, cada vez mais, os pais procuram acompanhar os passos dos seus filhos fora da vida familiar. Porém alguns pais, por diversos motivos, vêm-se obrigados a procurar alternativas quando não podem estar com eles.

As creches ganharam visibilidade e são cada vez mais procuradas pelos pais, aquando da impossibilidade destes ficarem a tomar conta dos seus filhos.

Os pais ao deixarem os seus educandos em instituições, preferem-nas com qualidade no atendimento e nas infra-estruturas, valorizando também o bom relacionamento com os educadores e a restante comunidade educativa.

Posto isto, é nosso dever refletir um pouco sobre algumas coisas aqui mencionadas e, para sermos mais claros e diretos optámos por dividir em pontos os diversos temas.

3.2.1. Creche

A palavra “creche” é de origem francesa e significa “manjedoura”, denominação atribuída ao abrigo para bebês necessitados, que começavam a surgir em França por volta do século XVIII.

Tinha função essencialmente assistencial, vista como um local onde se guardavam bebês, para que as suas mães pudessem trabalhar.

Esta visão foi-se dissipando e, ao longo do século XIX, devido ao crescente aumento da entrada da mulher no mercado de trabalho e à ausência de avós ou outros membros da família que pudessem ajudar a cuidar das crianças, originou um acréscimo do número de creches. (Ferreira, 2013, p. 6)

Este acontecimento fez com que a educação e os cuidados das crianças fosse atribuído a estranhos. Assim sendo, com o aparecimento das creches, o contexto familiar deixou de ser exclusivamente o único de desenvolvimento da criança, passando de igual forma para o educador a responsabilidade e as funções de todo o processo de desenvolvimento.

Em Portugal, quando as creches foram devidamente regulamentadas pelo Governo, foram reconhecidas como estabelecimentos educativos para crianças dos quatro meses aos três anos de idade com o objetivo de apoiar os pais na partilha de cuidados e ajudar as crianças a desenvolverem-se a vários níveis, nomeadamente o social.

Ora vejamos:

Conforme a Portaria n.º 262/2011 de 31 de Agosto lê-se que

... fenómenos sociais têm provocado mudanças no exercício das funções familiares, levando à procura de soluções complementares para os cuidados de crianças fora do espaço familiar. Neste contexto, as creches assumem um papel determinante para a efectiva conciliação entre a vida familiar e profissional das famílias, proporcionando à criança um espaço de socialização e de desenvolvimento integral,...

E os seus objetivos são os seguintes:

Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar; b) Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; c) Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança; d) Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de

risco, assegurando o encaminhamento mais adequado; e) Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afectiva; f) Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade.

Segundo Oliveira (2013, p. 21) citando Gabriela Portugal “A creche é uma realidade e uma necessidade para milhares de famílias.” e “surgem como um meio de cobrir as necessidades das famílias que, frequentemente por razões económicas, não podem de outro modo realizar a educação das suas crianças.”

Temos assistido, nos últimos anos a uma maior procura de serviços de atendimento a crianças dos zero aos três anos, graças ao aumento da integração da mulher portuguesa no mercado de trabalho.

A avaliar pelo surgimento de creches ao longo dos anos denotámos que a procura por creches tornou-se realmente uma realidade.

Distritos	2006	2015
Aveiro	181	211
Beja	33	25
Braga	171	207
Bragança	22	27
Castelo Branco	55	60
Coimbra	116	138
Évora	50	52
Faro	93	132
Guarda	46	49
Leiria	102	126
Lisboa	440	647
Portalegre	36	39
Porto	294	387
Santarém	55	89
Setúbal	154	237
Viana do Castelo	36	50
Vila Real	46	53
Viseu	74	92
Total	1996	2629

Tabela 1 – Dados sobre as creches existentes em Portugal

Fonte: Tabela criada pela estagiária

Posto isto verificámos que em todos os distritos de Portugal aumentaram o número de creches e que, em menos de dez anos, aumentaram significativamente num total de 633

creches. Mais concretamente no distrito de Braga surgiram entre as duas datas mais 36 novos espaços educativos para crianças com menos três anos.

Acreditámos, assim, que a creche é uma ótima alternativa para os pais que não podem ficar com as crianças em casa pois, pretendem promover atividades que contribuam para o desenvolvimento integral da criança, criando laços com a comunidade que o rodeia.

Cabe, então, ao Educador, proporcionar diversas atividades para que estas se desenvolvam o melhor possível e de forma cada vez mais complexa. O educador deve ainda proporcionar o contacto físico entre o adulto e a criança.

3.2.2. Família, papéis familiares e a socialização

O conceito género, no VI congresso português de Sociologia em 2008, foi mencionado numa área temática sobre família e género. Miranda (2008, p. 5) explica que:

Na perspectiva da teoria da aprendizagem social, a criança é socializada, isto é, adquire os comportamentos, atitudes e valores culturalmente apropriados para o seu género, através do reforço selectivo e da observação de modelos reais ou simbólicos, particularmente do mesmo género. Através de sanções positivas e negativas na (não) adopção dos comportamentos apropriados ao seu sexo biológico, e a partir da identificação com os pais, professores e amigos do mesmo sexo, as crianças vão assimilando quais os tipos de atitudes e actividades que deverão adoptar para interagirem de acordo com o seu sexo, no fundo, para assumirem papéis de género adequados.

Assim, tudo o que a criança vai aprendendo em conjunto com a família irá defini-la enquanto pessoa. Posto isto, convém, portanto, que a criança seja educada no sentido de estar preparada para aceitar a diferença no mundo que o rodeia, pois é bastante heterogéneo.

As instituições de cariz educativo, por sua vez, viram-se obrigadas a adaptar-se e a tentar dar resposta, da melhor forma, às necessidades dos pais.

Se no século XX as primeiras instituições destinadas às crianças com os primeiros três anos de vida tinha funções ao nível da higiene e alimentação, ou seja, de carácter assistencial, prestando serviços ao nível das necessidades da classe pobre e/ou trabalhadora, substituindo a família nas suas tarefas educativas – (Santos, 2009, p. 10), hoje a creche precisa de estar a par das necessidades das famílias, ciente das expectativas dos pais, pois é ela que acolhe os seus educandos fora da esfera familiar, tendo, pois, que transmitir segurança aos pais.

Defende a Associação Vicentina que as relações entre a família e a creche devem ser “estreitas e continuadas”, e de acordo com os estatutos da mesma é importante a promoção de iniciativas que envolvam os Encarregados de Educação e os seus educandos.

Partindo desta nota introdutória há que dar a conhecer o termo família para, seguidamente, contextualizar o público-alvo, a intervenção e a importância que estes têm para a instituição onde estivermos inseridos.

O vocábulo família teve origem latina “famulus”, conforme refere Leandro (2001, p. 38), que significa servidor.

Por sua vez, no século XVII entendia-se como um conjunto de pessoas unidas pelo mesmo sangue, onde o homem era visto como o que trazia o dinheiro para casa (através do trabalho) e a mulher como a que tratava das lides domésticas e dos cuidados dos filhos. Era ainda entendida como um grupo que se preocupava em criar gerações, tentando passar os padrões transmitidos pelas gerações anteriores.

Giddens define família como “ um grupo de pessoas unidas directamente pelo parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”. (Amaro, 2006, p. 13)

Concordamos com esta definição, porém ela não tem somente como obrigação cuidar das crianças. A família tem outras características que ajudam a completar a sua designação, nomeadamente, a intergeracionalidade, união por laços de sangue e a socialização.

A socialização como afirma Amaro (2006, p. 86) é o “processo que permite o indivíduo adquirir o conhecimento e as capacidades, bem como a predisposição interna para as realizar, a fim de desempenhar papeis sociais que a sociedade espera dele.”

A socialização acontece em dois momentos: primeiro desde que a criança nasce e se torna membro da sociedade (socialização primária); segundo ocorre ao longo da vida (socialização secundária). Daí que os pais sejam os principais promotores na educação dos seus filhos e os primeiros a estarem em interação com eles, sendo pois, importante que, desde cedo, a criança seja levada a desenvolver os seus estímulos.

Os papeis familiares também sofreram alterações, pois tradicionalmente eram as mães e as avós que se ocupavam da educação dos filhos, pelo menos, até irem para a escola e desde cedo as crianças sabiam quais os papeis familiares da mulher e os papeis familiares do homem; ou seja, desde cedo o filho acompanhava o pai nas suas tarefas e aprendia o que ele fazia e a forma como ele geria a família para, no futuro seguir as suas pisadas; já a mulher sabia que o

seu papel na sociedade era tomar conta dos seus progenitores quando estivessem na velhice e também tinham a função de cuidar dos seus filhos.

Hoje as mulheres deixaram de ter que se ocupar da educação escolar e começaram a tornar-se mais independentes, passando menos tempo em casa e as tarefas domésticas passam a ser da responsabilidade do casal (homem e mulher). Amaro (2006, p. 98)

Concordando com Diogo (1998, p. 60) citando Lightfoot, estamos convictos que para funcionar esta relação entre as duas partes, devemos articular os processos de socialização (escola) e educação (pais) de forma a fortalecerem-se.

Durkheim salientou que a família atualmente caracteriza-se por ter uma maior dependência face ao Estado, maior dependência face à rede de parentes e maior importância do indivíduo nas redes familiares. Amaro (2006, p. 20)

O primeiro aspeto refere-se à crescente interferência do Estado em diversas áreas da família, designadamente, a nível jurídico, económico ou institucional; o segundo tem a ver com a rede de parentes que hoje as famílias têm fora da mesma e o último caracteriza-se pela valorização das decisões individuais e a independência que têm para escolher a profissão, a livre escolha da pessoa com quem quer estar e também a opção por viver sozinha.

Atualmente a atividade profissional ganha relevo na vidas pessoas e, portanto, os pais de hoje passam muito mais tempo na escola que os seus pais do passado (que, na maior parte, as suas habilitações literárias prendiam-se pelo 4º ano ou 6º ano) e, por consequência, começam a trabalhar mais tarde e a formar família ainda mais tarde, contribuindo para a ausência da figura materna em casa que agora também trabalha, contribuindo para o sustento desta.

As altas expectativas que se criam face ao contexto social é também um fator que leva as famílias a terem menos filhos, ou então, quando os têm, os cuidados educacionais e de saúde são por vezes esquecidos procurando alguém que os possa substituir nestas tarefas.

A juntar às alterações dos papéis familiares, também com a industrialização, outras tarefas associadas às “obrigações” da família como, por exemplo, o caso da saúde e da educação passaram a ser tratados por pessoas fora do seio familiar, como referenciado acima.

Posto isto, e antes de passarmos a outro tema relacionado com a família, podemos concluir que a necessidade de haver mudanças ao nível dos papéis familiares, deve-se ao facto da mulher começar a trabalhar e alguém ter que assumir as suas funções quando esta está ausente do seu lar. Recordemos, então, que a educação passou a estar ao encargo de outros,

ainda que com o auxílio dos pais, as tarefas domésticas já não são exclusivas da mulher, começando o Estado também a intervir com mais intensidade junto das famílias.

A juntar a isto surgem novos tipos de família que, por vezes, necessitam de maior apoio por parte de outras pessoas fora da esfera familiar.

Antigamente a maior parte das famílias era extensa ou alargada, hoje em dia a maior parte é nuclear (pais e filho(s)). Para além destas existem as reconstituídas, onde um dos cônjuges traz para o novo casamento o(s) filho(s) da anterior relação; as mono parentais, constituídas por um dos progenitores e o(s) seu(s) filho(s); e as homossexuais, constituídas por duas pessoas do mesmo sexo.

Conforme os censos realizados em Portugal, no ano de 2001 existiam 715.189 casais sem filhos, já 2013 registaram-se 938.923. Houve um aumento de mais de 200 mil famílias sem filhos. Outro aumento registado deve-se ao facto de quase 200 mil famílias serem mono parentais (mãe ou pai que fica responsável por educar o seu filho) – de 274.446 em 2001 para 413.951 em 2013. Outro fator que importa referir está ligado à vontade dos casais terem apenas um filho, diminuindo, assim, a taxa de natalidade.

Apesar destas mudanças há uma coisa que não muda que é a tarefa de educar. Educar as crianças, de forma a que, no futuro, estejam preparadas para se adaptarem a quaisquer necessidade que surja. Educar para ser cidadão participativo, cidadão ativo, cidadão que irá ter um lar e que, possivelmente, formará uma nova família, cidadão que partilha as tarefas domésticas e, conseqüentemente, um cidadão que esteja apto para tudo.

3.2.3. Envolvimento/Relação Parental

Para Rocha (2006, p. 73) citando Matos, A. e Pires, J. (1994, pp. 27-28) “o envolvimento dos pais abrange todas as formas de colaboração dos pais no processo educativo dos filhos, incluindo a ajuda nos trabalhos de casa, o trabalho voluntário na escola e a comunicação com os professores”, e por seu lado, “a participação dos pais na escola abrange as formas mais actuaentes de colaboração dos pais na vida dos estabelecimentos de ensino, incluindo a participação e a influência na tomada de decisões da escola e dos professores”.

Por sua vez, também a designação de envolvimento parental é utilizada por Davies, D. et al. 1989, p. 24), com o sentido de abarcar na palavra, todas as formas e atividades dos encarregados de educação, no processo educativo dos seus educandos, tanto em casa como na

escola ou na comunidade. Os autores, distinguem e definem de forma diferente a expressão participação dos pais, uma vez que, para os mesmos, esta designação se refere, apenas às atividades dos encarregados de educação relacionadas “com algum poder ou influência em campos como os do planeamento, gestão e tomada de decisões nas escolas.”(idem, p. 24)

Vieira (1995, p. 4) afirma que os pais atualmente estão mais consciencializados para a importância de um bom acompanhamento junto da escola sobre o percurso dos seus filhos pois segundo Davies (1989, p. 39), estes envolvendo-se com os filhos fortalecem as redes sociais, adquirem mais informação, motivação, auto-estima e ganham vontade em continuar a sua formação.

Davies argumenta ainda que o envolvimento dos pais e a educação dos pais pode ser vista como uma forma de educação de adultos e de desenvolvimento pessoal que pode ter efeitos sociais e educacionais benéficos para além do impacto positivo nas crianças.

Além disso é necessária uma boa relação entre educador e pais para um bom processo educativo da criança. A educação e formação são importantes demais para ser tarefa única e exclusiva do educador ou dos pais.

Outro fator que importa referir sobre a evolução da participação dos pais nas escolas prende-se com a vontade e sensibilidade daqueles exigirem como seu direito a participação ativa na vida escolar dos seus educandos.

Caso este envolvimento não ocorra pode haver sentimentos de desconfiança, alienação e vêm a escola como instituição e não como um espaço de promoção de novos relacionamentos.

Por fim o Estado também sustentou que é necessário o envolvimento dos Encarregados de Educação nas instituições educativas.

Na Lei de Bases do Sistema Educativo a participação e o envolvimento das famílias em diferentes esferas do sistema educativo é possível, no entanto esse direito é muitas vezes esquecido. Rocha (2006, p. 67) citando Marques, R.,

“A Reforma do Sistema Educativo abre algumas potencialidades para a intensificação da participação dos pais na cena educativa portuguesa, nomeadamente na parte relativa à reorganização do sistema de gestão das escolas e na parte relativa a questões de decisão.”

Todavia, em Portugal, o envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos ainda é muito limitada pois a maioria da participação deles remete-se junto das associações de pais ou

nas reuniões de turma. Urge envolvê-los de forma constante, para que seja possível existir uma ótima colaboração, um bom entendimento, uma boa comunicação e participação.

A escola e a família constantemente se encontram e é necessária uma ação coordenada para que a relação seja uma realidade e ambos se complementem.

A falta de tempo resume-se simplesmente à entrega dos filhos na escola, acabando por se criar um enorme afastamento entre a família e instituição, o que não deveria acontecer pois, como diz Santos (2009, p. 15) citando a educadora Visitación Herrero (2005, p. 48): “la relación familia-escuela es necesaria y consecuencia directa de la responsabilidad que ambas instituciones comparten en relación a la educación de los niños/as.”

Em Portugal importa referir alguns passos dados neste sentido, que, embora tenham sido dados, foi um processo longo e moroso.

Até ao 25 de abril de 1974 a participação nas escolas era nula pois o poder político ditava as regras: o que se aprendia dentro das salas era sempre controlado, não havendo lugar para a liberdade nem democracia. A escola limitava-se a receber as crianças com o único objetivo de as ensinar a ler e a escrever.

Com o 25 de abril princípios como liberdade de expressão, de opinião, entre outros, permitiram as pessoas criarem associações culturais e recreativas . (Vieira, 1995, p. 10)

O sistema educativo português também se alterou e com ele novas aspirações se fizeram sentir como, por exemplo, formar cidadãos ativos, críticos e responsáveis.

No que se refere à Creche não há legislação em vigor sobre a participação dos pais na vida escolar a não ser decretos lei e despachos normativos sobre o funcionamento das daquelas e sobre o quadro pré-escolar em Portugal. Assim, deixaremos uma breve alusão a marcos importantes da constituição portuguesa para melhor podermos compreender o que se tem feito em Portugal sobre esta temática.

- Lei nº 7/77 de 1 de Fevereiro, que cria e regulamenta as Associações de Pais; (subentendendo-se aqui o interesse do Estado em ver os pais a participarem na tomada de decisões dentro da escola)

- Despacho Normativo nº 122/79, de 1 de Junho, que regulamenta a participação dos Encarregados de Educação nos Conselhos de Escola e nos Conselhos Pedagógicos;

- Decreto-Lei nº 542/79, de 31 de Dezembro, que cria o Estatuto dos Jardins de Infância do sistema público criando o Conselho Consultivo com a presença de dois representantes dos pais;

- Decreto-lei nº376/80, de 12 de setembro, onde se faz alterações no Conselho Pedagógico ditando a participação de um representante das Associações de Pais nos Conselhos de turma.

- Decreto- Lei nº 315/84, do dia 28 de Setembro onde se regulamenta que o Estado deve cooperar com os pais na educação dos filhos sem distinguir as diversas modalidades ou espécies de ensino.

- Decreto-Lei nº 211-B/86 de 31 de Julho, cria o Conselho Consultivo do Conselho Pedagógico, o qual inclui um representante das Associações de Pais e Encarregados de Educação;

- Lei nº 31/87, de 9 de Julho, a qual vem alterar o Decreto-lei nº 125/82, sendo que as Associações de Pais passam a dispor de dois representantes, em vez de um;

- Decreto-Lei nº 43/89 de 3 de Fevereiro, reconhece que os pais têm o direito de participar ativamente no processo de avaliação dos seus filhos, assim como o direito a serem ouvidos em caso de infracções disciplinares graves e de serem informados acerca dos serviços de apoio socio-educativo;

- Decreto-Lei 301/93, de 31 de Agosto, o qual estipula os direitos e deveres das famílias em relação à escolaridade obrigatória dos filhos, à matrícula e à frequência no ensino básico.

- Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, que promulga o novo Sistema de Direcção, Gestão e Administração dos Estabelecimentos de Ensino, num quadro de autonomia e diversidade, fortalecendo a participação da comunidade em geral e das famílias em particular, os quais passam a ter uma intervenção e participação directa nas orientações e políticas educativas nos estabelecimentos de ensino a nível local.

Assim, a Lei de Bases do Sistema Educativo propunha que a escola fosse um lugar onde todos tivessem voz ativa tanto familiares, como pessoal docente ou não docente e que estes façam a ponte com o resto da comunidade que a rodeia, numa perspectiva de que esta cooperação ajude a tornar a escola um espaço onde as crianças são ajudadas a tornarem-se cidadãos ativos e participativas.

No que concerne à Creche, a Segurança Social apoia esta valência financeiramente e é responsável por certificar-se do bom funcionamento das mesmas. Surgiram alguns decretos e despachos normativos, nomeadamente os seguintes:

- Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro concebe a educação pré-escolar como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da

acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança.”

- Decreto-Lei n.º 147/97, de 11 de junho estabelece o ordenamento jurídico do desenvolvimento e expansão da rede nacional de educação pré-escolar e define o respetivo sistema de organização e financiamento.

- Portaria n.º 262/2011, de 31 de agosto e Portaria n.º 411/2012, de 14 de dezembro estabelecem as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches.

- Decreto-Lei 33/2014, de 4 de março que define o regime jurídico de instalação e funcionamento e fiscalização dos estabelecimentos de apoio social gerido por entidades privadas, estabelecendo o respetivo regime contraordenacional.

Finalizada esta parte mais burocrática conclui-se que em relação à creche e envolvimento parental não há nada formalizado em termos legislativos, somente a partir do pré-escolar, no entanto ficam alguns decretos, aqui mencionados, para podermos ver o que se tem feito em relação à creche que, como se pôde comprovar, cada vez mais é uma realidade na vida dos pais e das crianças com poucos meses de idade.

Segundo Vieira (1995, p. 8) citando Ana Benavente, em Portugal, é necessário incutir nos educadores o espírito de abertura, promovendo atitudes de respeito e de aceitação para depois promovermos uma participação ativa dos pais, conseguindo, posteriormente, uma relação bilateral e constante.

Desta forma acreditamos que a creche tem de envolver os pais nos espaços educativos como forma de partilha de cuidados e responsabilidades. Assim, os pais devem apoiar as escolas de forma voluntária ou participarem em atividades de formação. Porém algumas dificuldades poderão advir no processo de envolvimento dos pais, devido às diferenças quanto ao nível dos valores e métodos pedagógicos. Os valores e crenças dos Encarregados de Educação e o papel profissional do educador devem ser respeitados de igual forma.

A participação mais ativa seria tanto melhor para que os pais consigam integrar-se melhor e consigam exprimir as suas opiniões. Este envolvimento mútuo terá repercussões na criança pois esta sentir-se-á mais motivada no espaço educativo, sabendo que os pais estão também envolvidos.

Também se a instituição educativa sentir “exigência” dos Encarregados de Educação estará mais motivada a criar condições para que as crianças tenham sucesso.

Quando tudo isto ocorre estamos perante uma estreita relação entre família e comunidade educativa, onde há entendimento e partilha.

Contudo Machado (1993, p. 38) citando Marques, explica-nos que existem diferentes abordagens quando se fala de envolvimento parental.

Este envolvimento pode ser considerado da seguinte forma: a participação dos pais na tomada de decisões; a co-produção em atividades da escola e da casa, e o trabalho voluntário dos pais na escola; defesa dos pontos de vista quer individual ou até mesmo das Associações de Pais; apoio à escola através da organização de esforços com novas estruturas direcionadas aos alunos; promover formação e informação dos professores e dos pais.

Concluimos que existem diferentes formas de envolvimento porém esta abertura da creche é necessária e tem de haver esforço tanto dos educadores como dos pais “numa implicação mútua geradora de um processo educativo mais adequado” às necessidades e características dos filhos. Vieira (1995, p. 12)

Só com esta implicação é que conseguem complementar-se, mas para isso este trabalho deve começar desde cedo, desde que a criança entra numa creche, para que este espírito de participação seja fomentado desde logo e estes reconheçam que é realmente importante estar junto dos educadores e dos filhos no processo de crescimento e desenvolvimento tanto da creche como das crianças. Ao mesmo tempo os pais podem ser importantes fontes na mobilização de recursos, na facilitação de contactos com agentes locais e no reforço do prestígio local da escola conforme nos diz Diogo (1998, p. 74).

3.2.4. Aprendizagem ao Longo da Vida

Nos últimos anos assistimos a várias mudanças que alteraram o modo de vida das pessoas, nomeadamente, hábitos e costumes, o que conduziu à adaptação desta era da globalização.

A educação e a formação são recursos que estão atualmente à nossa disposição para podermos enfrentar estas mudanças. Esta educação/formação aqui exposta tem por objetivo ser retratada de uma forma diferente àquela a que estamos habituadas a ouvir falar.

Sivestre (2013, p. 68) expõe a sua opinião, referindo que educação e formação podem ser entendidas como um só e que deve ir para além da formação inicial (escola), pois todos nós ao

longo da vida estamos sempre em constante aprendizagem devido a problemas que surgem no cotidiano, seja ela de forma auto-didata ou não.

No nosso contexto, daremos especial atenção para a educação informal e não formal, principalmente a não formal por considerarmos que se adapta ao projeto desenvolvido com os pais da Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente.

A educação não formal, segundo Silvestre (2013,p. 78) citando a Comissão da Reforma do Sistema Educativo obedece a uma estrutura e organização divergente da educação formal porque não tem tempo nem local específico para atuar, e visa, segundo a Quarta Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada em Paris no ano de 1985, responder melhor às necessidades do desenvolvimento e mudança, tanto da formação, como do emprego, como ainda da personalidade humana.

A educação informal obedece a todas as possibilidades educativas que o indivíduo tem ao longo da sua vida.

O quadro abaixo mostra as diferenças e semelhanças entre estas duas modalidades de educação:

Educação não formal	Educação Informal
Educação permanente	“Escola da vida”
Atividades interdisciplinares	Assistemática (sem métodos nem critérios)
Educação intencional	Educação não intencional
Ensino prático	Aprendizagens a partir de experiências da vida
Privilegia o “saber fazer”	Privilegia os objetivos do estar na vida
Ação dirigida a outro e vice-versa	Ações involuntárias
Por correspondência, meios audiovisuais	Ocasional
Responde às necessidades dos participantes	Relações de amizade, de rua, de classes sociais, grupos
Aberta e flexível na progressão	Progressão permanente e ao longo da vida
Flexível na participação, no tempo e no espaço	Acontece de forma permanente ao longo da vida e em qualquer espaço e tempo
Grupos heterogêneos	Qualquer grupo
Dinâmica/móvel	Dinâmica/móvel

Tabela 2- Educação informal e Educação não formal adaptada pela mestranda

Como constatado, existem algumas diferenças entre estas duas modalidades mas, olhando para educação não formal podemos considerar que se adequa mais ao nosso projeto.

O projeto privilegiou essencialmente as necessidades dos pais, por isso podemos considerar que é uma educação intencional. Também os temas eram sempre abordados por meios audiovisuais e com intenção de os ensinar a saber fazer para depois poderem agir melhor em casa.

Podemos assim concluir, concordando com Silvestre (2013, p. 87), que a sociedade de hoje é a da informação e do conhecimento e que nos obriga a estar em constante aprendizagem para sermos capazes de nos adaptarmos ao que nos pode aparecer e que a aprendizagem informal e não formal vai ganhando cada vez mais maior visibilidade.

3.2.5. Intervenção Comunitária

A intervenção comunitária interessa aqui ser chamada à nossa investigação para melhor compreendermos o que foi feito neste âmbito.

Este relatório de estágio além de estar ligado à Educação de Adultos também está ligado à Intervenção Comunitária, pois estendemos todas as atividades propostas à comunidade onde a Creche estava inserida, mais propriamente, a paróquia de São Vicente.

Além dos pais serem importantes na vida da criança também o meio envolvente o é, na medida em que precisamos uns dos outros para convivermos, e é nesta relação que conseguimos aprender a saber viver, saber ser, saber estar e saber fazer tal como Faure defendeu nas suas investigações.

A velocidade que o mundo gira é tão grande que nos obriga a estar constantemente a nos “reeducarmo-nos”, seja ela sob forma de educação formal, informal ou não formal.

Hoje, com o aumento do tempo livre, surgem diversas ofertas de carácter cultural e social que se podem traduzir em oportunidades de aprendizagem. Este tempo segundo Romans e Viladot (1998, p. 25) pode ser considerado um tempo onde as pessoas podem libertar, disfrutar o recrear capacidades vitalmente significativas.

Neste sentido os educadores aproveitando o facto da evolução tecnológica se fazer sentir com grande intensidade causando seres humanos individualistas e pouco ativos na sociedade.

Neste intuito, e com o aumento do tempo livre, deve-se promover a educação como tempo disponível para adquirir novas aprendizagens.

A educação permanente visa romper com a ideia de que somente a escola (educação formal) é que ensina e apresenta-se como uma resposta aberta e flexível que compreende o sistema escolar e o extra-escolar e pretende que o indivíduo se autoconstrua sempre respeitando o ritmo de aprendizagem e o tempo de cada um. Desta forma obter-se-ão cidadãos ativos, críticos e conscientes do mundo que os rodeia.

Vimos no ponto acima descrito que a nossa intervenção está intimamente ligada à educação não formal, um âmbito de aprendizagem da educação, e que esta não procura o reconhecimento sob a forma de diplomas daquilo que aprendeu mas sim que, de forma individual ou em grupo, este saiba aproveitar os conhecimentos específicos para aplicar na vida quotidiana, tenha desejo de melhorar e crescer intelectualmente para saber conviver em sociedade.

3.3. Identificação de contributos teóricos no âmbito da intervenção

No âmbito da nossa intervenção vamos aqui referenciar a investigação- ação.

A investigação- ação é, citando Castro (n.d., p. 2) através de Coutinho, “simultaneamente ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), com base em um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica,...” permitindo melhorar aspetos menos positivos n desenvolvimento do trabalho.

Ela reveste-se de algumas características fundamentais, apontadas por autores como Castro (n.d., p. 8) citando Cohen & Manion e Descombe:

“Participativa e colaborativa: No sentido em que implica todos os participantes no processo. Todos são coexecutores na pesquisa (...) b) Prática e interventiva, pois não se limita ao campo teórico, a descrever uma realidade. A ação tem de estar ligada à mudança e é sempre uma ação deliberada. c) Cíclica, porque a investigação envolve uma espiral de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte. Temos assim um permanente entrelaçar entre teoria e prática. d) Crítica, na medida em que a comunidade crítica de participantes (...) atuam como agentes de mudança, críticos e autocríticos das eventuais restrições. Mudam o seu ambiente e são transformadas no processo. e) Autoavaliativa, porque as mudanças são continuamente avaliadas, numa perspetiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.”

Compreendida a designação de investigação-ação e as suas características podemos afirmar que esta metodologia está relacionada com os propósitos da nossa investigação. Primeiro compreender o que se pode fazer dentro um dado grupo, depois tentar implementar práticas que alterem o “problema” identificado no seio do grupo e por fim avaliar o trabalho feito numa tentativa de melhorar algum aspeto menos positivo, ou seja, depois de termos realizado um diagnóstico de necessidades e expectativas, posteriormente devemos intervir junto do grupo e no fim realizar uma avaliação no sentido de ajustar alguma coisa no projeto para que este tenha sucesso.

Resolvemos, então, aplicar um inquérito por questionário ao nosso público-alvo, para podermos avaliar as nossas possibilidades de trabalho dentro do nosso âmbito de estudo. Pudemos aferir que era importante para os pais criar uma boa relação com a escola e até desejavam contar com a creche na partilha de cuidados e desejavam que esta, por sua vez, lhes proporcionasse momentos de novas aprendizagens.

A partir daí tentámos adaptar-nos às exigências dos pais e construir um projeto tendo em conta a educação de adultos numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida e também alargamos as intervenções à comunidade envolvente.

A cada vez que as atividades surgiam estas eram avaliadas, para saber a opinião dos pais.

Assim depois de compreendermos neste ponto a problemática do estágio e alguns contributos teóricos deste mesmo tema passaremos a descrever as metodologias utilizadas no nosso projeto em concreto.

4. Enquadramento Metodológico do Estágio

Aqui abordaremos os objetivos tanto ao nível investigativo como interventivo, ou seja, desde que começámos este estágio até ao final o projeto passou por diferentes fases, e para cada uma delas nós definimos objetivos como forma de avaliarmos cada passo que demos no projeto, e podermos melhorar caso fosse necessário. Também explicámos o paradigma que adotámos, a metodologia e as técnicas para concebermos o projeto.

4.1. Objetivos de investigação/intervenção

A pesquisa científica visa fundamentalmente contribuir para a evolução do conhecimento humano em todos os setores, sendo sistematicamente planeada e executada segundo rigorosos critérios de processamento das informações segundo Nilce Fonte (n.d).

Todas as pesquisas que se efetuam têm como finalidade tentar descobrir respostas para problemas observados mediante procedimentos científicos (métodos e técnicas) e todas elas passam por fases.

As fases de uma pesquisa social envolvem planeamento, recolha de dados, análise e interpretação de dados e redação do relatório. (Gil, 1994, p. 49)

Passada a fase da escolha do problema, ou seja, depois de escolher o problema com uma dimensão viável, que seja claro e preciso, passámos a delinear a pesquisa e a confrontar a teoria com dados da realidade.

Nesta fase confrontámos a pesquisa bibliográfica e documental com dados que recolhemos através de estudos no terreno. Antes de avançarmos para o terreno e para os dados bibliográficos devemos sempre formular objetivos de trabalho.

Os objetivos são metas que se pretendem atingir com a elaboração de um projeto de investigação. Estes devem ser formulados de uma forma muito clara para que ajude o investigador na sua tomada de decisões ao longo do projeto. Além de que é igualmente importante chegar às seguintes questões com a definição dos objetivos:

“¿Qué queremos hacer?

¿Qué cambios deseamos lograr frente a la situación problema, sobre la que vamos a actuar?

¿A dónde queremos llegar, qué propósitos se desea alcanzar dentro de un límite de tiempo?”

(Pérez Serrano 1993, p. 65)

Esta ajuda será imprescindível na fase inicial, pois tornar-se-á crucial para conseguirmos realizar aquilo que nos propomos fazer e chegar aos resultados pretendidos. (Gonçalves, 2008, parag.1)

Estes são realmente importantes estarem bem definidos e serem cumpridos pois o sucesso da investigação revela-se pelo cumprir destes mesmos objetivos.

Além dos objetivos necessitarem de serem escritos de forma clara existem regras, segundo Pérez Serrano (1993, p. 65), que podem ajudar a descrevê-los da melhor forma. Essas regras passam por

“(…) proponer objetivos y metas realistas; establecer prioridades para el logro de los objetivos; hacer elecciones compatibles y complementarias entre los objetivos; articular coherentemente los diferentes aspectos; asignar y usar los recursos, en cantidad y tiempo oportunos, para cada fase o actividad del programa o proyecto; determinar los instrumentos y medios adecuados a los fines.”

Deste modo conseguiremos formular os objetivos, tanto os gerais como os específicos.

Os objetivos gerais são os que estão escritos de uma forma muito ampla, descrevendo grandes orientações do trabalho; já os específicos concretizam essas grandes linhas em termos de ações mais visíveis, ou seja, segundo Pérez Serrano (1993, p. 67) os objetivos específicos,

“(…) sólo admiten una interpretación; implican tomar opciones frente a las posibles interpretaciones de los objetivos generales; se formulan en función de manifestaciones observables y evaluables; equivalen a «preguntas» de evaluación abstraídas de su contenido más inmediato; facilitan estructurar mejor el proyecto social; pueden desglosarse para su análisis; en general, con objetivos bien formulados puede evaluarse mejor la coherencia de todo el proyecto.”

Assim sendo, se cumprirmos com estes requisitos, podemos chegar aos objetivos de trabalho.

Os objetivos da nossa investigação/ intervenção são os seguintes:

Fase de diagnóstico	
Objetivos gerais	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none">• Conhecer uma realidade social;	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer e contactar o público e os profissionais da instituição;

<ul style="list-style-type: none"> • Promover uma relação estreita entre Encarregados de Educação, educandos e instituição; • Criar empatia com os profissionais da instituição; • Pesquisar acerca da problemática. 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar documentos e recolher informações acerca da instituição; • Identificar as necessidades, interesses e expectativas do público-alvo; • Realizar conversas informais com profissionais da instituição; • Efetuar inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação.
Fase de desenvolvimento da investigação/intervenção	
Objetivos gerais	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar ferramentas aos Encarregados de Educação para melhor compreenderem o seu bebé. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar laços entre a família e a instituição; • Promover sessões de esclarecimento sobre o desenvolvimento motor, cognitivo e cerebral da criança; • Reconhecer a importância da alimentação e da organização dos espaços em casa e na instituição; • Contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da criança através da intervenção dos pais; • Alertar as pessoas sobre o choro e a birra das crianças; • Sensibilizar para importância de aplicação de rotinas diárias; • Cooperar com a família nas suas necessidades; • Criar um Grupo de Pais.
Fase de avaliação	
Objetivos gerais	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o projeto realizado 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o cumprimento ou não dos objetivos deste trabalho; • Avaliar o impacto do projeto e seus resultados.

Tabela 3- Objetivos gerais e específicos do projeto de estágio realizados pela mestranda

4.2. Apresentação e fundamentação metodológica

4.2.1. Paradigmas de investigação/intervenção

Bogkan e Biklen citados por Ventura (2010, p. 21) salientam que “(...) um paradigma consiste num conjunto aberto de asserções, conceitos ou proposições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação”.

Assim, podemos considerar que apartir de um paradigma abrimos os horizontes na investigação, e é apartir dele que orientamos a nossa investigação e o nosso pensamento.

Para que este seja delimitado Ventura (2010, p. 21) refere, que segundo Guba & Lincoln, há três questões que nós devemos colocar e cujas respostas indicarão que paradigma devemos escolher:

- “1. A questão ontológica. Qual é a forma e a natureza da realidade e, conseqüentemente, o que se pode conhecer sobre ela? (...)
2. A questão epistemológica. Qual é a natureza da relação entre o conhecedor ou o que pretende conhecer e o que pode ser conhecido? (...)
3. A questão metodológica. Como pode o investigador (o que pretende conhecer) descobrir o que acredita que se pode conhecer?”

Se conseguirmos arranjar respostas para estas questões então conseguiremos saber definir o nosso paradigma.

Perante estas questões nós considerámos que o nosso relacionava-se com o interpretativo, pois, segundo Erickson citado por Arnal, Rincón e Latorre (1992, p. 41) este paradigma “... se centra en el estudio de los significados de las acciones humanas y de la vida social.”, ou seja procura compreender porque é que as pessoas agem da forma que agem atribuindo-lhes significados. Além disso tenta compreender as situações e suas intenções relativas ao objeto de estudo, e busca igualmente a objetividade no âmbito dos significados que as pessoas atribuem às crenças, intenções, motivações e consideram a realidade dinâmica.

Já Ramirez et al (2013) acrescenta que o paradigma interpretativo:

“(...) busca supuestos sobre las costumbres, políticas, desarrollo económico, religiosos etc , que se encuentran en una comunidad en general y a esto le denominan cultura. Con esto se busca que toda esta información sea conocida de manera universal.”

Neste tipo de paradigma prevalece também a inter-relação entre a pessoa e o objeto, neste caso os pais destas crianças e o investigador, ou seja, o investigador está implicado no processo. Estando implicado permite-lhe observar mais de perto a realidade da sua sociedade tanto no geral como a nível específico. O meio envolvente também não é esquecido nesta relação.

Assim, na opinião deste autor, uma investigação realizada segundo o paradigma interpretativo pretende compreender e interpretar fenómenos vida social.

O investigador por seu turno deve procurar analisar criticamente e apresentar aos leitores as interpretações que fez em relação àquilo que estudou. Assim, segundo Ventura (2010, p. 24), a captura do fenómeno está diretamente relacionada com a recolha de dados a efetuar pelo investigador que posteriormente apresentará os dados sobre aquilo que estudou e depreendeu daquilo que investigou.

Para que se chegue ao resultado final com as devidas interpretações que fez sobre o tema, o paradigma interpretativo passa por um processo que consiste na análise dos diversos elementos que constituem o tema de estudo.

Depois de estudado o fenómeno de modo fragmentado investigador deve, no entender de Ventura (2010, p. 24) citando Denzin, passar progressivamente às etapas da construção e da contextualização do fenómeno, ou seja, após a análise dividida por partes passa-se à interpretação do tema investigado. Denzin (2002, p. 359) refere que “Ao contextualizar o fenómeno, o investigador procura interpretar essas estruturas [descobertas durante a fragmentação e a construção] e dar-lhes sentido ao colocá-los de novo no mundo social natural”.

4.2.2. Seleção dos métodos de investigação/intervenção

Os métodos que mereceram destaque são os métodos qualitativos, no entanto também não descartámos os métodos quantitativos, pois a todo tempo poderiam ser utilizados nomeadamente na técnica de recolha e análise de dados.

Citando Neves (s.d.) os métodos quantitativos “geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são de objeto operacional).”

Já o método qualitativo:

“(...) além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco e interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.”

Lincoln e Guba citados por Ventura (2010, p. 26) acrescentam que existem diversos critérios que permitem garantir a fiabilidade de uma investigação qualitativa.

Estes são:

“O envolvimento prolongado do investigador no meio que pretende estudar; a observação persistente, que permite conhecer quais as características do fenómeno que são mais relevantes para o estudo; a revisão feita por pares; a análise de casos negativos; a adequação referencial, em que são reservados alguns dados para análise posterior; a revisão pelos participantes, de modo a confrontar as interpretações do investigador com as dos próprios participantes; e a triangulação.”

Assumimos assim que, se o investigador envolver-se de uma forma persistente com o meio que estuda, conseguirá levantar os dados mais importantes para a investigação para posteriormente confrontar os dados com as interpretações já feitas e para ver qual a sua interação.

4.2.3. Seleção de técnicas de investigação/intervenção

4.2.3.1. Técnicas de investigação

As técnicas de recolha de dados, por nós utilizadas no projeto foram as conversas informais, a análise documental, a pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e inquérito por questionário.

- **Análise documental**

A análise documental consiste em analisar e obter as informações acerca do objeto de estudo “que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” segundo Phillips citado por Ludke e André (1986, p. 38).

Essa informação pode vir de documentos, leis, jornais, revistas, diários, entre outros meios. Neste caso analisámos documentos internos da instituição.

Esta técnica para nós foi das técnicas que mais recorremos visto que sempre foi considerada uma fonte muito rica em informação, dava para ser utilizada várias vezes e para fundamentar afirmações que o investigador fez ao longo da sua investigação.

À medida que se foi recolhendo a informação procedeu-se à sua análise. Neste projeto a análise documental foi utilizada desde o início da investigação até à reta final.

- Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica permitiu-nos também compreender o tema abordado e elaborar o plano de atividades de forma fundamentada além do relatório de estágio.

Esta técnica permitiu-nos conseguir um histórico sobre o tema em estudo, atualizarmos sobre o tema, encontrar respostas aos problemas encontrados, levantar contradições e evitar repetição de trabalhos, conforme nos diz Amaral (2007, p. 1).

- Conversas informais

As conversas informais foram tidas com a diretora técnica. Auxiliou-nos na caracterização do público-alvo, na caracterização do local de estágio e no planeamento da intervenção.

- Análise de conteúdo

A análise de conteúdo de acordo com Berelson, citado Silva et al (2005, p. 73) é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação, quer isto dizer que no nosso entender, tem a ver com a análise de textos ou comunicação oral.

Todo aquele que utilizar este método deve proceder a definição de palavras-chave e ver qual a frequência com que estas aparecem para depois proceder a uma conclusão sobre aquilo que leu.

Já para Moraes (1999, pp. 7-32) a análise de conteúdo é usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Quer isto dizer que a análise de conteúdo permite verificar alguma questão para além da leitura

que se faz de forma aleatória, permite compreender com outros olhos a questão que se colocou e porque é que assim ocorre.

Esta técnica tem duas funções, segundo Silva (2005, p. 74):

“A primeira diz respeito à função heurística, ou seja, a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta. A segunda se refere à administração da prova, em que hipóteses, sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servem de diretrizes apelando para o método de análise de uma confirmação ou de uma informação.”

Podemos assim depreender que a análise de conteúdo conduz os investigadores para a descoberta e exploração do tema em estudo e também depois de começar a investigação a análise de conteúdo permite confirmar ou informar alguma questão formulada na investigação.

Para isso o investigador deve ter dados através de entrevistas ou questionários e analisar a informação para chegar a uma conclusão.

- Inquérito por questionário

O questionário é também uma técnica de investigação que consiste na elaboração de várias questões que posteriormente são apresentadas às pessoas por escrito, tendo como objetivo, segundo Gil (1994, p. 124), o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”

As vantagens do uso do questionário são várias, de entre as quais, chega a um grande número de pessoas, implica poucos gastos, são anónimos, os inquiridos podem responder quando quiserem e não são influenciados por nenhuma opinião. Se olharmos para as desvantagens podemos ver que uma pessoa que não saiba ler nem escrever é automaticamente excluída, também se o entrevistado não compreender alguma questão não tem o investigador ao lado para auxiliá-la podendo ser respondido de forma incompleta.

Normalmente o questionário é feito com base nos objetivos da pesquisa que estamos a fazer através de perguntas abertas onde o entrevistado diz de forma aberta o que pensa, através de perguntas fechadas - as sim e não - e por fim as mistas que tanto têm abertas como fechadas.

No nosso caso aplicámos perguntas mistas e procurámos pegar nos objetivos definidos para esta pesquisa e formular perguntas de forma clara e de forma a possibilitar uma só interpretação em cada pergunta.

Outra coisa importante que também fizemos foi apresentá-lo com uma introdução sobre o que se pretendia com este estudo e quem o estava a realizar. Tivemos igualmente a preocupação de não o apresentar com erros ortográficos nem de tabulação, falta de quadrados para preencher.

No fim procurámos dá-lo a alguém para saber a opinião do questionário feito e saber se as perguntas da forma como estavam se elas estavam bem formuladas e se eram de fácil compreensão.

4.2.3.2. Técnicas de intervenção

As técnicas de intervenção prendem-se com o modo como chegámos ao público-alvo, ou seja, neste caso foi o que fizemos junto dos pais.

- Workshops

No início foi-nos difícil descrever se as atividades que iam ocorrer eram palestras ou workshops.

Com o tempo e o desenrolar das atividades, e após uma breve pesquisa, ponderámos e achámos que as nossas atividades foram workshops em vez de palestras.

Um workshop caracteriza-se por uma plateia ativa onde a sala é convocada a participar, normalmente vivenciando experiências que remetem ao tema em discussão. Nesse sentido o workshop tem caráter mais prático, que requer uma profunda abertura ao diálogo e ao envolvimento.

Quando falamos de workshop podemos comparar aos pensamentos de Freire, nomeadamente este: *“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”* Podemos considerar então que o workshop pode ser um espaço de crescimento pessoal através da troca de saberes, onde a pessoa que promove o workshop não é a única detentora de conhecimento, mas sim uma facilitadora de diálogo e onde todos podem aprender uns com os outros.

Para que os workshops funcionem deve-se fazer por se proporcionar um momento de relaxamento através do quebra-gelo e assim as pessoas descontraírem e conhecerem-se uns aos outros. Posteriormente deve passar-se para uma reflexão de um tema através de textos,

apresentações, fotografias, entre outros meios. Depois os participantes compartilham a própria história de vida. A oficina pode ser concluída, através da avaliação e encerramento.

- Sessões informativas

As sessões informativas passam por apresentações, através de meios audiovisuais, de temas específicos.

Estas diferem dos workshops pois os participantes não interagem com o promotor das sessões, tornando as sessões menos interativas e as pessoas mais passivas.

- Hora do conto

A hora do conto foi outra das técnicas que utilizámos para aproximar os pais dos seus filhos e da comunidade educativa.

Este momento passou pela interação entre adulto e crianças como forma de se proporcionar um momento de maior ligação.

Silva (2014, p. 31) citando Cavalcanti afirma que as histórias são um fator de desenvolvimento para a criança, e que através delas, a criança tem a oportunidade de conhecer-se a si própria, confrontando a realidade e desenvolvendo a sua personalidade.

4.3. Recursos mobilizados e limitações do processo

O presente projeto, “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche”, para ser concebido precisou de recursos que permitissem que este fosse levado a cabo. Assim de acordo com as possibilidades da instituição, e com as necessidades que este projeto exigia, precisámos de alguns recursos humanos, materiais e financeiros.

Tendo em conta que a instituição esteve sempre aberta a boas propostas para uma maior divulgação da mesma, as atividades realizadas foram bem aceites não havendo qualquer oposição à inviabilização das mesmas. No entanto esta mesma instituição é de cariz social e apesar de ter alguns apoios que provêm da paróquia, de fundos europeus e do Estado tivemos em conta o mínimo de gastos possíveis.

De seguida passaremos a descrever cada recurso que precisámos para realizar as atividades e informámos se houve problemas à inviabilização das atividades propostas.

4.3.1. Recursos humanos

Os recursos humanos incluem todos os envolvidos na equipa de pesquisa.

Pérez Serrano (1993, p. 100) citando Espinoza diz-nos que “consiste en describir la cantidad y la calidad de las personas que son necesarias para la ejecución de las actividades”. Neste sentido os recursos humanos que precisámos foram os pais e familiares, o nosso público-alvo, a comunidade educativa no auxílio das atividades feitas e os promotores (enfermeiras, nutricionista e psicóloga) que nos ajudaram a concretizar as palestras e sessões.

Os promotores, para além dos pais, foram importantes pois sem eles o projeto não era possível ter sucesso e efeito positivo sobre os pais.

Procurámos então permitir que o pais vissem as suas dúvidas desvanecidas, dúvidas essas que descreveram no questionário de diagnóstico de levantamento de necessidades, através de pessoas entendidas nos distintos assuntos.

A escolha dos técnicos superiores recaiu sobre conhecimentos próximos dos estagiários, da comunidade educativa e do meio envolvente da instituição.

Quanto à “falta” de recursos humanos tivemos duas sessões que foram alteradas. A sessão informativa sobre choro e birra que por falta de público alvo foi adiada por um mês e a sessão sobre cuidados de higiene que de início estava prevista ser dada a sessão por uma voluntária enfermeira da Creche da Associação e que depois foi dada por outra profissional.

4.3.2. Recursos materiais

Os recursos materiais são ferramentas e materiais de escritório e material audiovisual.

Os recursos que precisámos para as nossas atividades foram cadeiras, colchões, mantas, toalhas, creme hidratante de bebé, banheira, shampoo, almofadas e material de escritório (agrafador, papel, cartolinas, colas, canetas). Para além destes também necessitámos de alguns bens alimentares que foram necessários para se proporcionar um lanche de convívio ao fim de cada sessão ou workshop.

Quanto aos equipamentos, podemos lembrar os aparelhos audiovisuais, os computadores, projetor, colunas, apontador e impressora.

As infra-estruturas prendem-se com os locais necessários à concretização das atividades. Neste caso as atividades foram realizadas dentro das instalações da creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente na sala de prolongamento da creche.

Escolheu-se esta sala por ser um espaço amplo com material audiovisual instalado.

No que concerne a limitações no processo por falta de recursos materiais, apenas temos a destacar a falta de infra-estruturas, para poder realizar uma sessão sobre a importância da creche como espaço de crescimento e desenvolvimento da criança.

Tentámos entrar em contacto duas vezes com instituições do centro de Braga para podermos falar deste tema, mas não obtivemos qualquer resposta de nenhuma instituição.

4.3.3. Recursos financeiros

Os recursos financeiros também importam ser falados pois há sempre despesas, ainda que poucas, para que tudo corra pelo melhor.

No nosso caso precisámos de algum financiamento para comprar cartolinas, imprimir fotos, imprimir documentos e para alguma oferta como forma de agradecimento pela participação dos promotores das sessões.

No fim deste projeto quanto a recursos financeiros não tivemos qualquer obstáculo por dois motivos: em primeiro porque as despesas foram poucas e em segundo porque a instituição nunca se opôs a qualquer coisa que necessitássemos de comprar para garantir o sucesso das sessões.

5. Descrição, Discussão e Avaliação das Atividades de Estágio

Neste capítulo falaremos das atividades que realizámos junto dos pais juntamente com os resultados finais deste projeto.

Segundo Espinoza, citando Serrano (1993, p. 72), la actividad es el conjunto de operaciones o tareas propias de una persona o institución. Dentro de la programación se refiere más específicamente a una unidad de trabajo que consume tiempo al realizarla”.

Para nós, esta definição, apesar de correta merece ser completada, pois ela tem uma finalidade e não está somente ligada ao consumo de tempo num projeto. Ela pode ser vista como um meio para atingir um determinado fim. Ou seja, se olharmos para o projeto em estudo a intencionalidade de realizar atividades deve-se ao facto de permitir mudar comportamentos nos pais para melhor agirem com as crianças.

5.1. Descrição das atividades de estágio

5.1.1 Atividades realizadas

5.1.1.1. Massagem do bebé

Objetivos gerais:

- Aumentar o vínculo dos pais com os bebés;
- Potenciar a relação pais-creche;
- Apreciar e conhecer o corpo da criança;
- Avaliar em que medida o projeto foi ao encontro das expectativas dos pais.

Objetivos específicos:

- Valorizar a segurança parental;
- Demonstrar uma relação mais íntima dos pais com os seus educandos;
- Defender a partilha de cuidados e responsabilidades com a família;
- Ser capaz de estimular as diferentes partes do corpo do bebé para o relaxamento;
- Redigir um inquérito aos participantes para saber a sua opinião relativamente á atividade.

O curso massagens para bebês realizou-se durante o mês de janeiro e fevereiro.

Este foi realizado com base nos resultados que se obtiveram com os inquiridos. Os inquiridos revelaram interesse e como tal procurámos disponibilizar a experiência aos pais.

Entrámos em contacto com uma formadora, através de uma breve investigação feita na Internet e descobrimos a Associação Portuguesa de Massagem Infantil. A formadora Mónica Ribeiro pertencente à mesma disponibilizou-se de imediato para dar o curso ao fim do dia para ser mais fácil aos pais participarem.

O curso dividiu-se em seis sessões, tendo decorrido nas instalações da creche.

O público-alvo foi extensível a pessoas fora da instituição por entendermos que se tratava de um curso de difícil acesso e por haver sempre alguém que desejasse se inscrever neste curso, decidimos assim abrir portas a todo o público interessado, divulgando as sessões e abrindo inscrições. (Cfr. anexo II e apêndice IV e V)

Todas as sessões foram orientadas pela formadora Mónica Ribeiro. Esta explorava em cada sessão uma parte diferente do corpo do bebé.

As sessões decorreram da seguinte forma: Primeiro procurava falar com os pais, numa parte mais teórica, e depois numa fase final, exemplificava junto dos pais o que tinha ensinado, e cada pai, com o seu bebé aplicava os seus conhecimentos.

Todos os participantes demonstraram bastante interesse no curso e procuraram não faltar para conseguirem ficar com o maior aproveitamento possível deste curso, que tantas vezes se revela crucial em momentos menos fáceis das crianças, como por exemplo, quando elas têm cólicas.

Destacámos também o à vontade com que os pais ficaram com a formadora, pois permitiu-lhes retirarem as suas dúvidas, e ao mesmo tempo estarem em ambiente de conforto e descontração. Da mesma forma a formadora também era bastante descontraída e conseguiu proporcionar um bom ambiente permitindo que as coisas fluíssem da melhor forma.

Da nossa parte todos os dias em que ocorreram as sessões organizámos a sala e os materiais necessários para as sessões. Os materiais utilizados foram: mantas, colchões, cremes hidratantes e almofadas. No final proporcionámos momentos de convívio através de um lanche entre formadora e os pais.

5.1.1.2. Alimentação infantil

Objetivos gerais:

- Criar hábitos de alimentação saudável;
- Analisar junto dos pais estratégias para a introdução de novos alimentos;
- Reconhecer a importância do encontro entre profissionais e pais.

Objetivos específicos:

- Mostrar a roda dos alimentos;
- Identificar quais os alimentos mais adequados a cada idade;
- Indicar soluções para evitar a negação à introdução de novos alimentos;
- Construir um diálogo entre formador e pais.

Esta sessão foi de igual forma realizada com base nos inquéritos, realizados na fase de diagnóstico de necessidades e expectativas. Os pais e encarregados de educação acharam por bem que fosse debatida a questão da alimentação. No nosso entender este interesse pelo tema deveu-se ao facto de pais para pais variarem as indicações médicas, e também de criança para criança varia a adesão aos novos alimentos.

Passada esta fase organizámos a sessão durante o mês de fevereiro para ser realizada no mês de março.

Tal como a sessão de mensagens esta também foi divulgada e abriram-se inscrições. (Cfr. apêndice VI e anexo III)

Desde logo procurámos alguém que nos pudesse ajudar nesta sessão e contactámos a enfermeira Joana Almendra que, no momento em que foi contactada, trabalhava junto de uma cantina escolar na zona de Guimarães. Muito prontamente se mostrou disponível a preparar uma apresentação, com informações importantes sobre a alimentação, sobretudo a partir dos 6 meses até aos 3 anos de idade.

Numa conversa antes da sessão pudemos esclarecer tudo o que ia ser dito na sessão, para irmos ao encontro daquilo que os Encarregados de Educação desejavam saber.

Assim, a apresentação focou-se na importância do leite materno nos primeiros meses de vida, pois protege as crianças contra doenças, fornece anticorpos e contém proteína. Depois falou-se nos alimentos a serem dados partir dos seis meses de vida. Referiu-se a importância de

começar a substituir algumas refeições de leite por sopa, papa (sem glúten) e fruta. E que só mais tarde, por volta dos 7 meses, é que se deve introduzir a carne e o peixe na sopa. A partir dos doze meses já a criança pode comer todos os alimentos da roda dos alimentos salvo raras exceções por indicação médica.

A enfermeira Joana procurou assim ver esclarecidas as dúvidas das mães e futuras educadoras.

Entre mães proporcionaram-se desabafos de estratégias, que utilizaram para poder inserir novos alimentos nas refeições dos seus filhos, e sobre a resistência que as crianças têm ao peixe.

Houve ainda tempo para comparar os diferentes desenvolvimentos de cada educando no que concerne à alimentação e também comparar a alimentação das crianças portuguesas com as crianças de outros países europeus.

5.1.1.3. “Birrinha e choraminguice. Que faço?”

Objetivos gerais:

- Reconhecer a relação creche-família;
- Pensar sobre o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança;
- Avaliar a sessão informativa.

Objetivos específicos:

- Fomentar os laços entre educadores, creche e família;
- Caracterizar as diferentes fases do desenvolvimento das crianças;
- Enumerar estratégias para lidar com as birras;
- Descrever até que ponto a sessão foi positiva para os pais e qual a sua aplicabilidade no dia-a-dia.

A sessão sobre Choro e Birra foi das sessões que os pais mostraram mais interesse.

Esta sessão foi possível graças à parceria que a instituição mantém com o gabinete FACes, sedado na Universidade Católica de Psicologia de Braga.

Este gabinete pretende ser um “serviço colocando os conhecimentos no domínio da psicologia ao serviço do desenvolvimento da comunidade académica discente/não discente e da

comunidade envolvente”. Neste sentido intervêm com crianças e adultos a diversos níveis (educacional, clínico, saúde, justiça tanto no trabalho como em organizações).

Decidimos então contactar o gabinete e procurar saber mais sobre o trabalho que desenvolviam, e que tipo de intervenções faziam. Desde logo nos informaram que trabalhavam junto de instituições escolares, e perguntámos que tipo de intervenção podiam operar junto das nossas instalações, mais propriamente para os pais das crianças.

Explicaram-nos que muitas das vezes optam por apresentações nas escolas sobre dúvidas que surgem ao longo da vida pessoal e escolar das crianças. Questionámos se era possível falar sobre “Choro e Birra” e desde logo mostraram-se disponíveis para falarem pessoalmente connosco e informarem de forma detalhada o que fazem no que toca a este tema em específico.

Marcámos reunião com a Doutora Céu Henriques, e quando estivemos à conversa com ela, desde logo esclareceu o que normalmente expõe numa sessão sobre birras. Acrescentou ainda que falaria de uma forma mais teórica sobre o desenvolvimento cognitivo, psicossocial e linguagem das crianças, e deixou-nos à vontade para abordarmos as estratégias para evitar as birras. Assim o fizemos. (Cfr. apêndice VII)

Finalizada a reunião agendámos a data e começámos por divulgar a sessão e abrir inscrições. (Cfr. apêndice VIII)

Por falta de público para a data agendada a sessão teve que ser cancelada e em vez de se realizar em fevereiro realizou-se um mês depois.

Esta sessão quando ocorreu durou três horas o que para nós achámos que foi positivo, visto que, apesar de ter sido adiada a sessão, o tema realmente tinha interesse e os pais gostaram de estar junto da psicóloga a esclarecer dúvidas e confrontar opiniões.

A sessão contou com a presença de duas mães que tinham os seus filhos na creche, os restantes participantes eram pertencentes ao distrito de Braga. Estas procuraram saber essencialmente sobre a melhor forma de contornar as birras quando estas acontecem, e também questionar sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Destacámos a preocupação de uma mãe que tinha um filho na creche com três anos de idade e que pouco falava. A psicóloga procurou dissipar as dúvidas da mãe e tentou que esta não se preocupasse com este pequeno atraso no desenvolvimento da fala pois as crianças diferem de umas para as outras quanto ao ritmo de desenvolvimento cognitivo. Alertou-a também para o facto da criança ainda estar muito recentemente na creche e que ao longo do ano que restava esta poderia vir a desenvolver mais a sua linguagem visto que antes estava

numa ama e não tinha com quem falar, já na creche a realidade era bem diferente, pois lá a necessidade de falar com a educadora e colaboradora bem como os seus colegas de sala poderia surgir muito mais facilmente.

5.1.1.4. Cuidados de higiene do bebé

Objetivos gerais:

- Analisar a importância de uma boa higienização;
- Desenvolver capacidades para melhorar os cuidados dos seus educandos.

Objetivos específicos:

- Identificar os erros que se cometem ao tratar da higiene do bebé;
- Enunciar os passos de uma boa higienização do bebé;
- Demonstrar como dar banho de forma segura às crianças.

Este encontro sobre cuidados de higiene foi considerado um *workshop* por ter sido de carácter prático em vez de teórico, e surgiu em detrimento das avaliações feitas pelas educadoras em contexto de sala.

A necessidade de se abordar este tema devido à falta de cuidados que se denotavam ao longo dos dias nas crianças com menos de três anos de idade fez com que este assunto fosse urgentemente trabalhado.

Existe, ainda em pleno século XXI, crianças a chegar à creche com falta de cuidados de higiene no que respeita a muda de fraldas e a banhos. Apesar da implementação das aulas de preparação para o parto ainda são vários os pais que se desleixam na higienização do bebé, pelo que nós, enquanto responsáveis pela partilha de cuidados, nos sentimos na obrigação de organizar um *workshop* sobre este tema.

É do conhecimento geral que, para as crianças se sentirem bem e confortáveis, além do descanso e outras coisas mais, a muda de fraldas é indispensável para não haver desconforto. Por isso é importante que os pais e demais familiares próximos da criança estejam aptos para uma simples muda de fralda ou um banho. Uma criança precisa de tomar banho para relaxar e para se sentir mais fresca.

As mães normalmente são quem usufruem das aulas de preparação antes do parto para alertar sobre determinados temas, inclusive o de higiene, porém nem só a mãe cuida da criança, e é importante que todos aprendam, para saber lidar perante este problema que causa mau-estar à criança.

Foi com este propósito que procurámos arranjar alguém que compreendesse bem o tema, enfermagem mais propriamente dita, para proporcionar uma sessão onde todos fossem chamados para a sensibilização desta matéria incluindo pais, familiares interessados e comunidade envolvente. (Cfr. apêndice IX)

A enfermeira Cláudia Silva foi muito prestável, e desde que foi convidada, mostrou-se logo disponível para realizar uma sessão bastante prática de forma a que os pais compreendessem melhor a importância de uma boa higienização e memorizassem melhor os passos a dar quando se dá um banho ou quando se muda uma fralda.

A sessão contou com a demonstração de um banho a uma criança e os cuidados que se devem ter para que este ocorra de forma segura.

No final os pais foram tirando dúvidas com a enfermeira sobre a forma como davam banho às crianças e como mudavam a fralda.

Outro tema também abordado foi a higiene oral. Os pais sobre este tema têm recebido diferentes *feedbacks* sobre a importância de uma boa higiene oral, nomeadamente sobre qual a idade mais apropriada para a lavagem dos dentes.

No caso da Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente somente as crianças com 2/3 anos e, nem todas, é que lavam os dentes ao fim da refeição do meio dia, porém se algum Encarregado de Educação quiser que os filhos iniciem desde cedo a higiene oral assim acontecerá e iniciar-se-á esse hábito desde cedo dentro da creche.

5.1.1.5. Braga Romana

Objetivos gerais:

- Valorizar as atividades culturais da cidade;
- Criar espaços de envolvimento entre a creche e a família com a comunidade envolvente.

Objetivos específicos:

- Sublinhar a importância da participação em atividades culturais;

- Levar os pais a participarem nas atividades da comunidade envolvente.

Braga Romana é um evento que decorre anualmente no mês de maio. Trata-se de uma feira em que se pretende mostrar como era a vida na cidade na época do Império Romano.

Durante os dias das festividades existem representações de casamentos na época do império romano, representações da mitologia romana, representações do funeral romano e há também concursos. Nesta feira é possível observar espaços interativos com diferentes temáticas, venda de produtos da época da Bracara Augusta e ainda dois cortejos onde as escolas de Braga e também pessoas a título individual participam.

Sendo esta feira aberta a todos que queiram participar, incluindo as escolas e associações de Braga, esta festividade foi incluída no programa da creche.

Numa iniciativa conjunta com os pais angariámos bens alimentares para colocar à venda numa tenda que a Associação tinha junto à Sé de Braga.

De referir que os pais, de uma forma geral, reagiram bem ao desafio lançado e contribuíram com alguns bens para venda e alguns deles não só também visitaram a tenda como procuraram comprar algo para ajudar.

5.1.1.6. Dia da Família

Objetivos gerais:

- Valorizar a família.

Objetivos específicos:

- Demonstrar à criança a importância da família;
- Apresentar através de fotografias os familiares das crianças da creche.

O dia da família desde cedo estava previsto ser comemorado tal como aconteceu com o dia do pai e o dia da mãe.

Para a celebração deste dia pedimos aos pais que trouxessem fotografias das crianças com os pais e irmãos (caso os tivessem) para realizarmos uma exposição na entrada da creche.

O placar desta exposição fotográfica foi uma casa desenhada na parede com corações em cartolina e sobre estes colocaram-se as fotografias.

Foi interessante ver a adesão dos pais a este evento. Aderiram em massa e até trouxeram várias fotografias.

5.1.1.7. Panfletos informativos

Objetivos gerais:

- Criar ferramentas que permitam aos pais ver esclarecidas as suas dúvidas.

Objetivos específicos:

- Elaborar textos (in)formativos para os pais.

Os panfletos informativos, tal como os workshops e sessões informativas, pretendiam ser também uma ferramenta de ajuda aos pais no que concerne a cuidados de crianças. Visava igualmente dissipar dúvidas dos pais sobre temas que estes queriam ver trabalhados.

Nem todos os temas puderam ser trabalhados de igual forma e como queríamos que os temas sugeridos pelos pais fossem mais ou menos trabalhados optámos pelos panfletos informativos. Desta forma conseguimos chegar a todos os pais sem exceção.

Os temas que foram trabalhados relacionaram-se com o sono das crianças, a importância da atividade física e os brinquedos que mais se adequam a cada idade da criança. (Cfr. apêndice X, XI e XII)

5.1.2. Outras atividades não planificadas mas realizadas

5.1.2.1. Arte na Leitura

Objetivos gerais:

- Aumentar o tempo de interação das crianças com a família.

Objetivos específicos:

- Organizar uma sessão de leitura junto das crianças;
- Proporcionar um espaço de interação entre a criança e a família dentro da creche.

O projeto “Arte na Leitura” estava integrado no projeto “Arte para crescer” da Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente.

De acordo com o projeto educativo da creche, é vontade da comunidade educativa, que criança, através da arte, seja estimulada a todos os níveis (cognitivo, motor e físico) com o intuito de colmatar as necessidades básicas de vida.

Muitas são as crianças que vão para a creche muito cedo e que por conseguinte largam o meio familiar para entrarem num espaço educativo. Assim, sendo esta a realidade de muitos, a comunidade educativa pretende procurar explorar formas que os ajudem a interagir com o mundo que a rodeia, pessoas, objetos e espaços, e ao mesmo tempo, proporcionar aos familiares um momento onde eles possam estar com as crianças dentro da creche. Nestes contactos a criança vai aprendendo e desenvolvendo-se.

Posto isto foi vontade da comunidade educativa proporcionar o desenvolvimento de capacidades de interação e comunicação entre as crianças e o mundo que as rodeia. Para isso surgiu a arte na leitura.

A literatura é uma arte que, por si mesma se entende como um bem essencial da humanidade. Permite à criança imaginar o mundo de diferentes perspetivas. Assim procurar-se-á proporcionar às crianças da creche da AVPSV momentos de “contos de fadas” que os faça criar vontade de aprender e conhecer as histórias por detrás daquele papel.

Para isso contámos com a presença de um familiar de cada criança inscrita na creche às nossas instalações para contarem uma história. (Cfr. apêndice XIII)

5.1.2.2. Apoio Social

Objetivos gerais:

- Conhecer a realidade social das pessoas carenciadas da paróquia;
- Utilizar os meios disponíveis para proporcionar qualidade de vida aos mais necessitados.

Objetivos específicos:

- Investigar as necessidades sentidas pelos paroquianos;
- Operar junto das plataformas *online* e conseguir obter bens materiais que as pessoas necessitem.

Propusemo-nos a desenvolver um levantamento de necessidades junto das famílias da paróquia de São Vicente que recebem cabazes alimentares por parte da instituição e Banco Alimentar contra a fome.

Organizámo-nos de forma a que quando fossem receber os cabazes fossem abordadas, para saber se carenciavam de alguma necessidade além dos bens alimentares que recebiam mês a mês.

Num total de treze pessoas, elas referiram a extrema necessidade de roupa tanto para elas, como para os filhos que tinham a seu cargo. Outros referiram a necessidade de ter alguns pequenos eletrodomésticos ou mobília para o seu quarto.

Através da plataforma *online* a que tínhamos acesso, bbdonline.pt, procurámos ver o que se poderia fazer por estas famílias para que não lhes faltasse o essencial nas suas casas.

O vestuário, para nós, foi fácil arranjar, principalmente de criança. Além da roupa que a instituição tinha nas suas arrecadações, também uma encarregada de educação de uma criança da creche abriu muito recentemente uma loja de roupas, brinquedos e acessórios para crianças e ela doou-nos roupa e carrinhos de bebé para a instituição.

Roupa de adulto também tínhamos, e fizemos uma seleção das roupas que ainda tinham condições para serem usadas.

Quando regressaram para receber cabazes as pessoas que indicaram que precisavam de roupa iam às arrecadações e escolhiam a roupa que mais lhes agradava e que lhes servia.

Os pequenos eletrodomésticos só foram conseguidos graças plataforma online Banco de Bens Doados online.

5.1.3. Atividades projetadas, mas não efetivadas

5.1.3.1. Grupo de pais

Objetivos gerais:

- Criar uma relação com os outros pais;
- Capacitar aos pais espaços de reflexão;
- Desempenhar funções com vista a um maior desenvolvimento da criança e maior envolvimento dos pais com a creche.

Objetivos específicos:

- Fomentar o convívio entre pais;
- Refletir sobre o trabalho a desenvolver junto da creche;
- Avaliar as atividades propostas.

A creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente pretendia criar um grupo de pais com vista a uma maior integração dos pais no espaço educativo onde o seu filho estava inscrito.

Foi da vontade dos pais num inquérito feito na análise de diagnóstico de necessidades que seria bastante importante o grupo surgir.

Pois bem, esta mesma associação não pretendia ser formalizada junto da Secretária-geral do Ministério da Educação, pretendia apenas surgir de forma informal, por acreditar que conseguiria formar um grupo mais familiar e coeso.

Assim sendo eram objetivos da Creche da Associação Vicentina Paróquia de São Vicente que o Grupo de Pais conseguisse:

- integrar-se na creche;
- conhecer o projeto educativo da creche e o plano anual de atividades;
- propor novas atividades para melhor desenvolvimento da creche;
- apoiar com recursos financeiros e/ou materiais;
- acompanhar melhor o desenvolvimento dos educandos.

Desta forma conseguiríamos que a creche da AVPSV cumprisse com os seus objetivos descritos no projeto educativo.

O grupo de pais seria uma ótima parceria para que os seguintes objetivos fossem realmente cumpridos:

- proporcionar o desenvolvimento do sentimento de inclusão, através do respeito mútuo e de relações afetivas recíprocas entre a criança e o adulto responsável;
- proporcionar ao máximo o desenvolvimento das competências e capacidades de cada criança;
- pensar na criança como um aprendiz efetivo e ativo, que gosta de aprender;
- criar um ambiente flexível e responsivo que possa ser adaptado aos interesses e necessidades de cada criança.

Numa fase seguinte dar-se-ia a conhecer a todos os pais a vontade de se criar o grupo de pais, e quem se oferecesse para tal cargo informaríamos igualmente de que existiria uma reunião para votação.

Para que ela surgisse pretendia-se que três pais se oferecessem voluntariamente para fazerem parte da associação.

Após essa reunião o grupo propunha um conjunto de ideias junto da comunidade educativa e apresentava as ideias, discutindo-as para depois se proceder a uma votação das atividades propostas.

Nesse momento dava-se a conhecer a todos os pais o Grupo de Pais e as atividades por ela propostas.

5.1.3.2. “Rotinas diárias (organização de espaços e materiais) ”

Objetivos gerais:

- Reconhecer a importância da creche;
- Entender o que são rotinas diárias;
- Assimilar o que aprenderam na sessão.

Objetivos específicos:

- Valorizar o que as crianças aprendem no espaço educativo;
- Propor uma continuidade entre o que se aprende na creche e o que se faz em casa;
- Aplicar o conhecimento que adquiriram na sessão informativa.

Esta sessão estava destinada realizar-se em abril.

Pretendia sensibilizar os pais para inculcar rotinas na vida das crianças desde cedo, para que compreendessem o quão faz bem ao desenvolvimento harmonioso da criança, além de também trazer vantagens aos pais.

As rotinas são muito importantes pois permitem às crianças ganharem segurança, na medida em que ela começa a perceber o que acontece em cada etapa do seu dia e vai assimilando os diferentes momentos do dia que tem.

A participação da criança em todas as atividades programadas seria uma mais valia para a sua efetiva integração no contexto educativo. Só desta forma as aprendizagens seriam apreendidas, conforme mencionava o website “Mundo da Criança”.

Porém não foi realizada pelo facto de acharmos conveniente em abril organizarmos a sessão sobre higiene.

Uma breve conversa informal com as educadoras foi-nos alertada para a urgência de tocar no assunto sobre higiene.

Ainda que promover rotinas fosse importante a opinião que tinham era que antes disso dever-se-ia falar de outras coisas, principalmente no que toca a saúde e bem-estar das crianças.

5.1.3.3. Sessão “Creche como espaço de educação”

Objetivos gerais:

- Valorizar a creche.

Objetivos específicos:

- Explicar o que é a creche e as vantagens em ter crianças na creche;
- Apresentar o trabalho desenvolvido na creche;
- Enumerar as atividades realizadas na creche.

Esta sessão era para ser realizada fora da creche, junto da comunidade, e tinha-se o intuito de mostrar aos adultos o verdadeiro papel da creche, e mostrar a realidade da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente.

Numa breve apresentação pretendíamos esclarecer os adultos sobre o trabalho que a creche estava a desenvolver, e mostrar que esta era muito mais do que um espaço onde as crianças estavam durante o dia a dormir e a brincar. Não que não fosse importante estes dois elementos fazerem parte da rotina diária da crianças, mas outras coisas também eram importantes serem trabalhadas, tais como explorar as artes (música, leitura, expressão plástica, etc.), que faz parte do projeto educativo da creche.

Apesar de termos organizado a sessão e termos procurado entidades parceiras para a realização deste acontecimento não conseguimos realizar por falta de respostas por parte de possíveis entidades parceiras.

5.1.3.4. Sessão “Desenvolvimento Motor e Cognitivo dos educandos”

Objetivos gerais:

- Cooperar com os pais;
- Entender o desenvolvimento infantil tanto a nível motor como cognitivo.

Objetivos específicos:

- Demonstrar aos pais as fases do desenvolvimento infantil;
- Analisar e verificar o nível de desenvolvimento motor e cognitivo da criança.

A sessão sobre desenvolvimento motor e cognitivo dos educandos era para ser orientado por uma educadora da creche que tem formação em ensino especial.

O objetivo era mostrar aos pais e restante comunidade interessada o desenvolvimento motor e cognitivo da crianças, desde os quatro meses até aos três anos de idade, que era a faixa etária que mais nos interessava.

Nesta conversa era do nosso interesse que os pais expusessem as suas dúvidas e preocupações que tinham em relação ao desenvolvimento do seu educando. Porém esta sessão não foi realizada por termos tocado nestes aspetos quando realizámos a sessão sobre o choro e a birra.

Depois de realizada a sessão de esclarecimento sobre o choro e a birra percebemos que se fizéssemos esta sessão iríamos repetir alguns temas já debatidos. Como também tínhamos outro tema pensado para abordar substituímos este tema.

5.2. Discussão e avaliação dos resultados

Neste ponto apresentámos os resultados finais das avaliações feitas pelos pais em relação ao projeto, e realizámos uma breve análise e interpretação sobre cada uma das questões realizadas no inquérito.

Esta análise, como afirma Lessard- Hébert (2007, pp 137-138),

“...é uma operação intelectual, que consiste na decomposição de um todo nas suas partes, com o propósito de fazer a descrição e procurar as relações entre essas partes”, e que a interpretação

“...é uma investigação e uma identificação dos fatores, que podem explicar os resultados obtidos, tendo em conta que a análise permitirá dizer se o efeito procurado foi atingido e em que medida.”

Esta afirmação permite então confirmar o que fizemos neste ponto. Primeiro decomposemos todas as questões por pontos, e no fim de analisarmos cada uma na sua individualidade é que apresentámos as conclusões a que chegámos.

Só assim na reta final do trabalho é que relacionámos os nossos objetivos iniciais com os resultados finais e vimos em que medida o projeto foi bem concebido ou não.

Entretanto, cada atividade realizada, era avaliada com o intuito de saber a opinião dos pais e desta forma conseguimos ir ao encontro daquilo que eles queriam e precisavam.

Para Serrano, esta avaliação intermédia, designa-se de *evaluación*, e significa que:

“(...) no es una etapa final o terminal en un proyecto, pues debe estar presente desde el inicio hasta el final del mismo con el fin de ir controlando el logro de los resultados, las lagunas existentes en el proceso, los aspectos no previstos que se van a presentar en la aplicación del proyecto, la adecuación o inadecuación de las actividades, etc.” (1993, p. 116)

De seguida passaremos a abordar de forma detalhada as questões que apresentámos aos pais de forma a compreender o alcance do projeto.

Já é do conhecimento que a Instituição, desde que abriu portas, até à reta final do projeto cresceu de forma muito positiva.

O número de crianças aumentou e em consequência o número de pais, o nosso público-alvo.

Em novembro, efetuámos sete inquéritos por questionário, e nesta reta final já tínhamos um total de vinte e nove crianças, o que aumentou em muito o número de pais, e também variou os questionários entregues do início para o final do ano.

O inquérito por questionário final foi entregue a todos os pais (Cfr. apêndice XIV), mas somente nos responderam quinze, ou seja, podemos aferir que a amostra por nós escolhida foi de vinte e nove pais, porém só farão parte desta nossa avaliação quinze inquéritos, que são pouco mais de metade dos questionários entregues. Os motivos desta abstenção cremos que se deve ao início de férias de alguns pais, que entretanto não puderam responder, outros porventura não sentiram à vontade em fazê-lo.

Dos quinze que responderam primeiro iremos descrever as suas características, nomeadamente, a idade, sexo e grau de parentesco em relação à criança que tem na creche, e depois passaremos a analisar as perguntas e respetivas respostas dos pais.

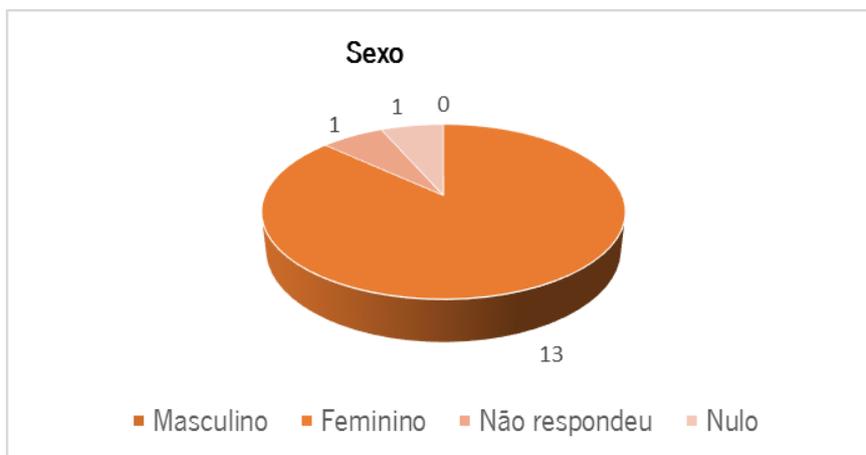


Gráfico 1 - Sexo dos Encarregados de Educação.

Este inquérito foi realizado por treze pessoas do sexo feminino, uma não respondeu e outra resposta foi considerada nula. Nenhum dos inquéritos foi respondido por pessoas do sexo masculino.

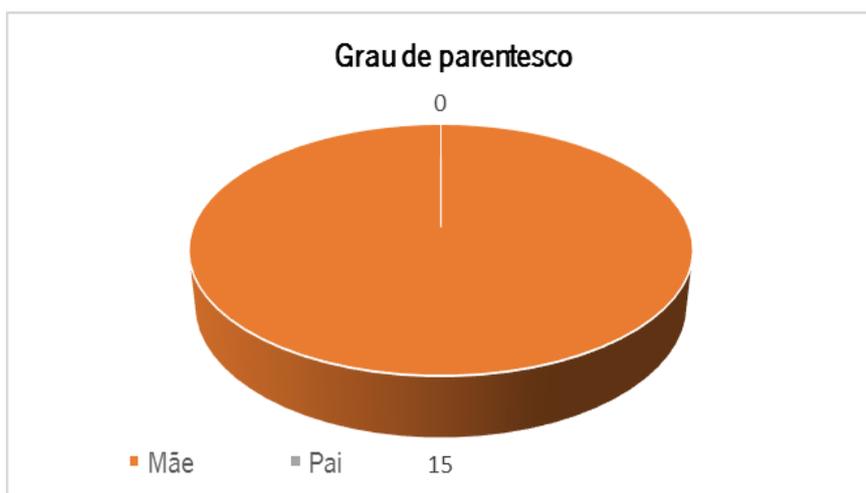


Gráfico 2 - Grau de parentesco dos Encarregados de Educação.

Todos os que responderam ao inquérito por questionário eram mães das crianças que estavam na creche.

Podemos observar que ao longo dos tempos a tendência da responsabilização da mãe pela educação dos seus filhos se mantém, e na Creche da Associação Vicentina o panorama não difere verificando-se quinze mães Encarregadas de Educação.

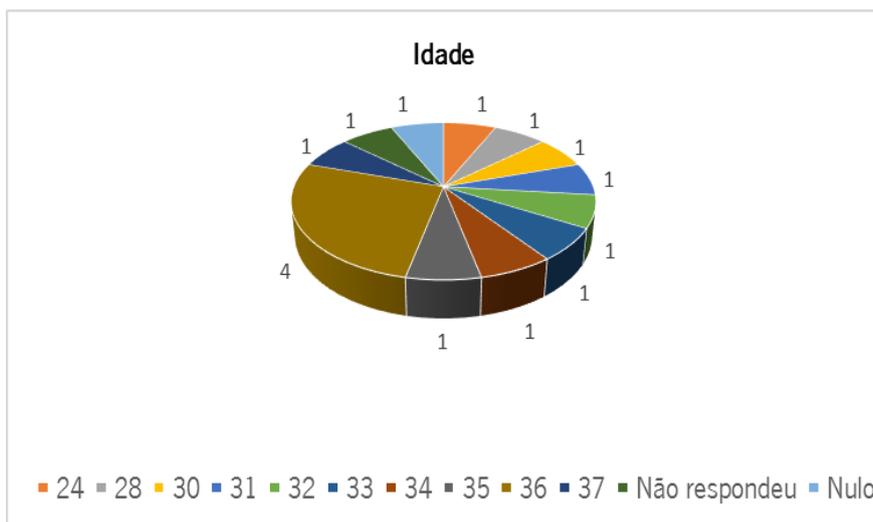


Gráfico 3 - Idade dos Encarregados de Educação.

Podemos aferir que a maioria dos inqueridos têm trinta e seis anos e de resto, à exceção de duas mães, todas estão na casa dos trinta anos, podendo ser um indicador de que a maioria das mães cada vez mais opta por ter crianças após os trinta anos de idade.

Passaremos de seguida às questões propriamente ditas depois de termos observado as características dos inquiridos.



Gráfico 4 - "Participou em alguma sessão informativa?".

Na questão "Participou em alguma sessão informativa?" verificámos que, dos quinze inqueridos, doze responderam que não e somente três responderam que sim.

Se tivermos em conta que dos vinte e nove inquéritos entregues somente quinze responderam e que desses quinze somente três participaram, identificámos que apenas uma pequena quantidade de pais (3) responderam positivamente à participação

Porém realçámos o facto da última sessão ter sido desenvolvida no final do mês de abril, e nessa altura ainda não tínhamos as vinte e nove crianças. Também temos outra ilação a tirar que foi o facto de quase metade dos inquiridos não terem respondido. Concluimos que nestes casos omissos estão os restantes participantes, que no entanto, não deram qualquer resposta ao inquérito.

No prosseguimento do inquérito, e querendo saber de forma mais detalhada os motivos desta pouca aderência às atividades propostas, perguntámos *“Se não, porquê?”*



Gráfico 5 - Motivos por os quais não participaram às sessões.

Aferimos que onze mães não compareceram por a hora ou a data não serem compatíveis com as atividades pessoais e profissionais dos inquiridos. Um outro inquérito foi considerado nulo por não responder de forma correta às opções apresentadas.



Gráfico 6 - Sobre quem referiu que foi às sessões quisemos saber “Se sim, gostou das sessões informativas/ *workshops* promovidas pela Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente?”

À pergunta “Se sim, gostou?” os três inquiridos disseram que sim, o que para nós é positivo, pois a nosso ver tornou-se um indicador de que gostaram das atividades propostas, e acima de tudo sentiram que as suas dúvidas foram-se dissipando, e ao mesmo tempo, aumentaram conhecimentos sobre os diferentes temas abordados.

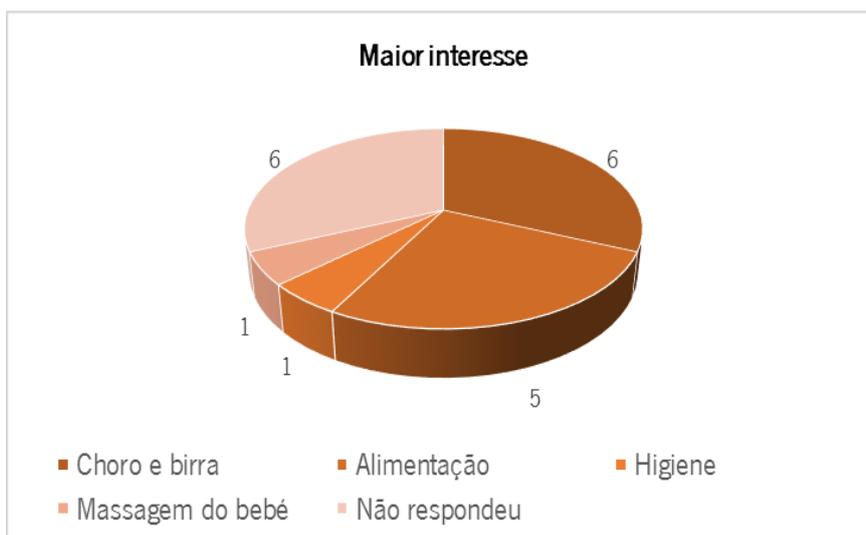


Gráfico 7 - “Qual a que revelou maior interesse para si (mesmo que não tenha participado na sessão/ *workshop* e considerando que teve conhecimento?”

Nesta questão sobre qual a mais interessante, algumas mães referiram mais do que uma sessão, sendo mais divergentes as respostas.

Seis preferiram não responder, mas as outras seis referiram que a sessão sobre “Choro e Birra” foi a que mais lhes interessou ser abordada, levando-nos a crer que foi dos temas que mais importância teve para os pais e mães, pois as birras vão acompanhando o crescimento da criança, principalmente a partir dos sete meses de idade, e os pais precisavam de conhecer

estratégias para lidar quando elas ocorressem. Ao mesmo tempo serviu também para descobrir se as atitudes que tinham perante o filho quando as birras aconteciam eram as melhores e refletir sobre elas.

De seguida falaremos dos panfletos informativos, que foi outro meio que adotámos para chegar aos pais com informação que eles desejavam saber (Gráfico 8).



Gráfico 8 - "Leu algum panfleto informativo enviado na caderneta pessoal do seu educando?".

Esta questão era bastante clara, e as mães facilmente responderam à questão. Treze disseram que sim e somente duas disseram que não.

Este meio apesar de não ter tanto valor quanto uma sessão ou um *workshop* foi adotado por nós para conseguirmos chegar de forma facilitada pois os pais em casa, com mais tempo, podem sempre ler quando lhes fosse mais conveniente, estando libertos de horário ou data para obter mais informação sobre determinado tema.

Uma sessão ou *workshop* implicava um dia, uma hora e um local específico já o panfleto podia ser lido quando os pais tivessem maior disponibilidade e onde quisessem, podendo até ser lido por várias pessoas e a informação chegar a mais pessoas.



Gráfico 9 - "Considera importante mantermos este projeto no próximo ano letivo?".

À pergunta "Considera importante mantermos este projeto no próximo ano letivo?" (Gráfico 9), todos foram unânimes e consideram da máxima importância manter o projeto.

No final pediu-se para dar uma opinião mais alargada sobre a importância das sessões de esclarecimento realizadas. Para analisar as respostas e chegar a uma conclusão utilizámos a análise de conteúdo.

A questão era a seguinte *"Dê a sua opinião sobre a importância das sessões de esclarecimento realizadas (Massagem do bebé, alimentação infantil, choro e birra, cuidados de higiene)?"*

Dos quinze inquiridos quatro preferiram não responder.

As que responderam nove disseram de maneira explícita que era bastante importante este projeto, nomeadamente as sessões informativas. Consideraram que estas mesmas sessões permitia-lhes antes de mais, aumentar conhecimentos, depois servia também para retirar dúvidas com profissionais da área dos temas abordados. Ao mesmo tempo eles aprendiam a saber como atuar perante as situações que acontecesse no dia a dia junto da criança escutando outros pais que participassem nestas sessões. Destacaram também que estas sessões podiam ainda permitir que a criança fosse estimulada para se desenvolver.

Para além de terem respondido à questão propriamente dita apresentaram sugestões de novos temas a serem abordados.

Também neste projeto achámos por bem pedir a opinião das educadoras (Cfr. apêndice XV) sobre o estágio realizado intitulado de “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche”(Gráfico 10).

O questionário contou com quatro questões e foi respondido por três educadoras.

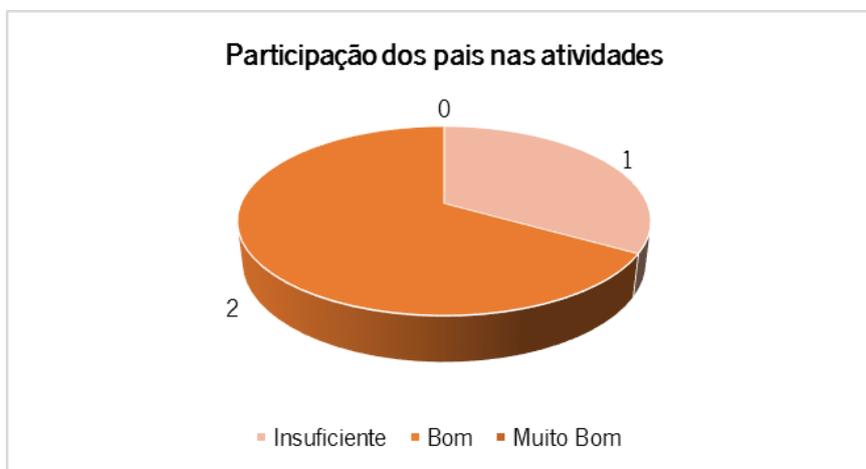


Gráfico 10 - “Participação dos pais nas atividades realizadas pela instituição”.

Duas educadoras consideraram que foi bom o projeto e uma considerou insuficiente.

À segunda questão *“Considera importante o projeto: Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche? Porquê?”*

Esta questão era aberta obrigando-nos a recorrer à análise de conteúdo para compreender e interpretar o que as educadoras escreveram.

Assim, conforme o que nos foi dito nas respostas dadas, pudemos tirar ilações e dizer que as três educadoras afirmaram ser bastante importante estas sessões referenciando que estas visam envolver os pais nos projetos dos seus educandos, e permitem criar laços com a creche. Por outro lado permite também à creche conhecer mais de perto o contexto familiar de cada criança que lá se encontra.

Também as educadoras referenciaram o facto destas sessões serem uma mais valia para os pais pois recebem mais informação e formação que os ajudarão a saber lidar no seu dia-a-dia, provocando maior interesse dos pais face ao desenvolvimento das crianças que por sua vez irão provocar motivação e autoconfiança nas crianças pois como já referimos anteriormente, um pai ou mãe que se interesse pelo dia a dia da criança dentro da creche, a criança sentirá mais apoio e mais conforto dentro desta.

Na terceira questão perguntámos *“Se o projeto fosse da sua autoria acrescentaria algo ao projeto? Se sim, o quê?”*

Nesta questão duas educadoras mencionaram que não acrescentariam nada, aliás uma referiu que estava bem concebido, já a terceira educadora referiu que acrescentaria algo ao projeto.

Para ela uma reunião no início do projeto com todos os pais poderia ser uma forma de os sensibilizar para a participação nas atividades propostas.

Realmente era nossa intenção apresentar-nos numa reunião ao início do ano, mas a própria instituição informou-nos que ia ser difícil isso acontecer por estarem a entrar sempre crianças todos os meses.

Na última questão perguntámos *“Que outras sessões informativas acharia convenientes serem abordadas?”*

Nesta questão duas mencionaram doenças na infância, uma falou da importância dos primeiros socorros, das rotinas diárias, da alimentação, dos brinquedos e por fim brincadeiras que possam ser desenvolvidas com crianças dos zero aos três anos de idade.

Posto isto, depois de uma análise detalhada, finalizámos esta discussão com um breve resumo destas linhas acima descritas.

Foi um projeto que se focou essencialmente em sessões informativas porém nem todos os pais participaram, aliás foram poucos os que participaram deixando-nos entristecidos pelo facto de não termos chegado a todos os pais.

Apesar das sessões não terem tido sucesso o outro meio a que chegámos foram os panfletos informativos e esses sim conseguimos chegar a um maior número de pessoas.

Destacámos do lado dos pais o facto de nos terem respondido às questões e ainda terem sugerido novas sessões o que demonstra que isto realmente tem interesse. Para nos facilitar a escolha da hora também sugeriram horário.

Foi para nós igualmente positivo saber a opinião das educadoras da creche. Quase todas gostaram do trabalho, e uma apesar de achar insuficiente, disse que foi um projeto bem pensado e que tinha tudo para dar certo.

6. Considerações finais

6.1. Os resultados numa perspectiva crítica

Finalizado este projeto do estágio curricular do Mestrado de Educação – Área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária resta fazer as devidas considerações à cerca do trabalho que desenvolvi.

Foram vários os momentos em que referenciei os propósitos deste trabalho desenvolvido junto da Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente e sempre alertei para o facto deste trabalho já ter sido estudado porém com resultados pouco animadores.

Em quase todos os projetos foi visível a importância que a participação dos pais tem nas escolas, jardins de infância, e creches, pois desde início deve ser reservado o direito à participação cívica dos pais dentro da comunidade educativa onde os seus filhos estão inseridos.

Este envolvimento e participação por seu lado deve ser promovido pela escola para que os pais ganhem confiança e não se afastem da instituição educativa. Com isto as crianças também ganharão autoconfiança, e a instituição poderá aproximar-se, de forma mais facilitada, dos pais.

Também a Creche da Paróquia de São Vicente não quis ficar indiferente a este envolvimento parental e quis conceder aos pais o direito à participação na tomada de decisões da creche e também quis ajudá-los na partilha de cuidados e responsabilidades. Esta partilha de cuidados e responsabilidades numa creche, é hoje em dia bastante importante para os pais, pois contam com o apoio de pessoas fora do contexto familiar para cuidarem dos seus educandos.

Estou certa que o ritmo a que o mundo anda exige muito de cada um de nós, tanto que, por vezes, os pais por si só não conseguem ser donos do saber e precisam de apoio de outros para cuidar dos seus filhos. Também as exigências por que passam a nível profissional, ocupa aos pais uma certa parte do tempo que têm, surgindo a necessidade de existir espaços adequados a estes mesmos cuidados.

Resolvi então focar-me nestes propósitos e desenvolver um projeto que assentava na aproximação dos pais à creche e na partilha de cuidados e responsabilidades junto dos seus filhos.

As sessões informativas foram as atividades que se destacaram neste projeto, pois apesar da pouca afluência dos pais, da nossa parte de tudo fizemos para tentar aproximá-los da instituição.

Lamento a não concretização da criação do Grupo de pais, pois seria importante para mim e para os pais sentirem-se mais de perto da creche. Espero, porém, que a todo o tempo isto se concretize para que os pais realmente sintam o que é uma creche, o trabalho que esta desenvolve, as exigências que sofrem por parte de diferentes entidades e o trabalho que é fazer com que as crianças cresçam e desenvolvam de forma harmoniosa.

Destaco de igual forma os panfletos informativos, que chegaram a mais pais, e por consequência, a informação chegou a mais casas, lamento é não ter recebido *feedback* desta atividade pois é um meio pouco vantajoso a esse nível.

6.2. Implicação do estágio a nível pessoal, institucional e a nível de conhecimentos para a Área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Ao longo destes meses de estágio curricular posso afirmar que cresci e ganhei bastante experiência e novas amizades.

Agradeço ter desenvolvido o meu projeto junto dos pais, pois ganhei muitas aprendizagens. Com eles descobri o que é educar uma criança e o que implica educar. Descobri também o que é uma creche, e o esforço que esta faz para proporcionar aos pais todos os apoios possíveis, e o trabalho notável que desenvolve junto das crianças para que elas desde cedo cresçam num ambiente favorável ao seu desenvolvimento integral e harmonioso.

Lamento, porém, a falta de comparência dos pais nas atividades propostas pela creche, pois tudo o que desenvolvi foi a pensar neles, e naquilo que lhes poderia vir a ser útil para ajudar na educação das crianças e no bem-estar das mesmas.

Esta falta de adesão permite-nos corroborar com alguns trabalhos desenvolvidos nesta área, onde se lamenta a pouca participação dos pais junto das escolas. Direitos que os pais não exercem e que lhes retira algum poder sobre a creche.

Destaco porém o interesse de alguns pais em querer saber mais sobre cuidados de crianças nestas idades e também pela preocupação que têm em querer saber como os seus filhos passam o dia.

Tive oportunidade de estar na reta final em contexto de sala e permitiu-me estar junto dos pais e das educadoras.

Esta aproximação também me permitiu chegar a algumas conclusões sobre cuidados das crianças, sobre a participação dos pais na creche e também sobre o trabalho desenvolvido nela

Os pais quando iam à creche buscar os filhos gostavam de saber como é que as crianças passavam o dia, e desabafavam alguns episódios que aconteciam em casa, para que as educadoras conhecessem melhor as diferenças entre a escola e a família, para também ajudá-los a contornar alguma contrariedade que tinham em casa. As educadoras por seu lado gostavam de conhecer as rotinas das crianças para dar continuidade dentro da sala e ajudavam naquilo que lhes competia a proporcionar à criança um dia bem passado a conviver com outros colegas.

No que concerne a cuidados alguns pais revelaram desleixo o que preocupava as educadoras pois sem uma boa higiene, um apropriado descanso e uma adequada alimentação a criança não se sentia confortável nem conseguia andar bem disposta para fazer o que quer que fosse dentro da sala.

Após todas estas dilações retiradas da minha breve passagem pela creche pude chegar a uma conclusão final e dizer que este projeto precisa de uma ligeira remodelação mas que precisa realmente de continuar.

Sem uma verdadeira implicação dos pais na educação das crianças, nem uma verdadeira compreensão do quão importante é para as crianças terem rotinas e andarem confortáveis, a creche terá o trabalho pouco facilitado.

7. Bibliografia

Amaro, Fausto (2006) *Introdução à sociologia da família*. Editor: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Antunes, Maria da Conceição (2007) *Educação de Adultos e Intervenção Comunitária II* Coimbra: Edições Almedina S.A.

Davies, Don et al (1989) *As escolas e as famílias em Portugal: Realidades e perspectivas*. Livros Horizonte

Diogo, José M.L. (1998) *Parceria Escola – Família – A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora

Ferreira, Marisa (2013) *A relação entre a equipa pedagógica e as famílias em creche e jardim-de-infância*. Tese apresentada no Instituto Politécnico de Setúbal. Acedido em 24 de abril de 2015 no rcaap.pt

Fontaine, Anne Marie (2000) *Parceria Família- Escola e Desenvolvimento da Criança*. Edições Asa S.A.

Freire, Paulo (1997) *Política e Educação*. (3ª edição) São Paulo: Cortez Editora

Fuertes, M. & Assis, M. (2014) *Estudo exploratório sobre as representações dos pais relativamente à educação em creche*. *Interacções* n°30, pp. 138-158. Consultado em maio 12, 2015, file:///C:/Users/ASUS/Downloads/4028-10520-1-PB.pdf

Gil, António (1994) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (4ª edição) São Paulo: Editora Atlas S.A.

Latorre, Antonio, Del Rincón, Delio e Arnal, Justo (1996) *Bases metodológicas de la investigación educativa*. Barcelona Editor: Jordi Hurtado

Leandro, M (2001) *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta

Lessard- Hébert, M. (2007) *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Instituto Piaget

Lessard- Hébert, M. et al (1990) *Investigação qualitativa- fundamentos e práticas*. Instituto Piaget

Lima, Lícínio (1994) *Educação de Adultos Forum I*. Braga: Universidade do Minho Unidade de Educação de Adultos

Lima, Lícínio (2007) *Educação ao longo da vida – entre a mão direita e a mão esquerda de Miró.* São Paulo: Cortez Editora

Ludke, Menga e André, Marli (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.

Nogueira, António Inácio C. (1996) *Para uma educação permanente à roda da vida*. Lisboa Editor: Instituto de Inovação Educacional

Oliveira, Tânia (2013) *Perspetiva dos pais quanto à sua participação na creche*. Tese apresentada no Instituto Superior Politécnico Gaya na Escola Superior de Educação de Santa Maria. Acedido em 12 de janeiro de 2015 no rcaap.pt

Rocha, Hilda (2006) *O envolvimento parental e a relação escola- família*. Tese apresentada na Universidade de Aveiro. Acedido em 8 de fevereiro de 2015 no rcaap.pt

Serrano, Gloria Pérez (1993) *Elaboración de Proyectos sociales- casos prácticos*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones

Silvestre, Carlos (2013) *Educação e Formação de Adultos – uma nova oportunidade*. (3ª edição) Horizontes Pedagógicos

Úcar, Xavier e Berne, Asún Llena (coords) (2006) *Miradas y diálogos en torno a la acción comunitaria*. Ediciones: Graó

Ventura, C., César, M. & Matos, J.M. (2013). *Interacção e acolhimento- um estudo de caso que analisa a história de um projeto*. *Interacções* No. 27, pp. 44-96. Consultado em Abril 2, 2015, em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3403/2718>

Vieira, Armanda (1995) *Escola/Pais-Que relação?* Braga: CEFOP Universidade do Minho

Vila, Ignasi (1998) *Cuadernos de Educación – Familia, Escuela y Comunidad*. Editorial Horsoni: Institut de Ciències de l'educació – Divisió Ciències de l'educació Universitat de Barcelona

7.1. Documentos da instituição

“Projeto Educativo da Creche” Estatutos da Associação Vicentina (2014)

7.2. Webgrafia

Amaral, João (2007). Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Acedido em 21 de setembro de 2015 em: 200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses_1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf

Castro, Catarina (n.d.). Características e finalidades da Investigação-Ação. Acedido a 22 de setembro de 2015 em: <https://cepealemanha.files.wordpress.com/2010/12/ia-descric3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>

Ferreira, Ruy (2010). O que é pesquisa científica. Acedido a 23 de setembro de 2015 em: www.Ebah.pt/content/ABAAAAP2UAA/que-pesquisa-cientifica

Moraes, Roque (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*. (Vol. 22, n. 37, p. 7-32) Porto Alegre. Acedido a 26 de abril de 2015 em:

<https://cepealemanha.files.wordpress.com/2010/12/ia-descric3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>

Pérez, Driceida (2008). Intervención Comunitaria. Acedido a 12 de agosto de 2015 em: <http://www.monografias.com/trabajos-pdf4/intervencioncomunitaria/intervencioncomunitaria.pdf>

Anónimo. (n.d.) Crescer em Família – Desafios à Implementação de Medidas em Meio Natural de Vida. Acedido a 12 de agosto de 2015 em: <http://repositorio.ipv.pt/bbstream/10400.19/1704/2/Trabalho%20de%20Projecto%Defin.pdf>

Ramírez, Mack, et al (2013). Paradigma Interpretativo en Investigación. Acedido a 3 de setembro de 2015 em: <http://www.monografias.com/trabajos97/paradigma-interpretativo/paradigma-interpretativo.shtml>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Braga_Romana

<http://www.mundodacrianca.pt/creche/a-nossa-rotina>

dre.pt (Diário da República Eletrónico)

ine.pt (Instituto Nacional de Estatística)

www.4.seg-social.pt (Segurança Social)

Pt.wikipedia.org/Wiki/Workshop

Anexos

www.tvdominho.com/braga/creche-da-associacao-vicentina-da-paroquia-de-s-vicente-em-braga-abre-portas

GRUPO TVDOMINHO

INICIO CONCELHOS REGIÃO DESPORTO CULTURA OUTROS

CRECHE DA ASSOCIAÇÃO VICENTINA DA PARÓQUIA DE S. VICENTE EM BRAGA ABRE PORTAS

12/11/2014 / 0 COMENTÁRIOS



A Associação Vicentina da Paróquia de S. Vicente abriu as portas da sua creche a partir do dia 12 de novembro para acolher crianças entre os zero e os três anos de idade. Esta creche faz parte do projeto de Centro Social da Associação Vicentina da Paróquia de S. Vicente sendo a primeira valência deste centro. Esta creche tem por base um projeto assente em princípios e valores segundo os quais é fundamental otimizar permanentemente a atividade no cumprimento das funções educativas. O projeto da creche da Associação Vicentina apresenta-se, acima de tudo, em consonância com as necessidades mais claras apresentadas pela população alvo. No presente a creche da Associação Vicentina está a estabelecer constantes parcerias com entidades públicas e privadas que tragam vantagens crescentes às crianças da creche e suas famílias. Atualmente a creche da Associação Vicentina possui uma parceria com o Colégio João Paulo II procurando agir em conformidade com os mesmos princípios e valores desta instituição que presta apoio e encaminhamento para a Creche da Associação Vicentina, o que acontece transversalmente depois dos 3 anos de idade. A inserção educativa de todas as crianças e uma mediação familiar adequada é um objetivo a cumprir com o presente compromisso. Assim, a creche da Associação Vicentina promoverá ao longo de todo o ano sessões de esclarecimento e workshops para pais e outros encarregados de educação dedicados à primeira infância. No presente a creche da Associação Vicentina está aberta à frequência e pode ser visitada no período normal de funcionamento em dias úteis entre as 9:00h e as 17:30h.

ARCHIVES

- Outubro 2015
- Setembro 2015
- Julho 2015
- Junho 2015
- Maió 2015
- Abril 2015
- Março 2015
- Fevereiro 2015
- Janeiro 2015
- Dezembro 2014
- Novembro 2014
- Outubro 2014
- Setembro 2014
- Agosto 2014
- Julho 2014
- Junho 2014
- Maió 2014
- Abril 2014
- Março 2014
- Fevereiro 2014
- Janeiro 2014
- Dezembro 2013
- Novembro 2013
- Outubro 2013
- Setembro 2013
- Agosto 2013
- Julho 2013
- Junho 2013
- Maió 2013
- Abril 2013

Anexo II – Divulgação do Workshop Massagem do bebé

The screenshot shows a web browser window displaying an article on the website www.tvdomininho.com/cidade/associacao-vicentina-realiza-curso-gratuito-de-massagem-do-bebe. The page features a navigation menu at the top with categories like 'INICIO', 'CONSELHOS', 'REGIAO', 'DESPORTO', 'CULTURA', 'OUTROS', and 'GRUPO TVDOMINHO'. The article title is 'ASSOCIAÇÃO VICENTINA REALIZA CURSO GRATUITO DE MASSAGEM DO BEBÉ', dated 8/1/2015, with 0 comments. A photograph shows a brightly lit room with colorful children's furniture, including a yellow table and chairs, and a play structure. The text describes a free baby massage course organized by the Associação Vicentina da Paróquia de S. Vicente, starting on January 28th at 18:00h. The course is based on the program of the Associação Internacional de Massagem Infantil (IAMI) and aims to help parents establish contact with their babies through massage. The course is free and open to all, with a limited number of spots. A sidebar on the right lists 'ARCHIVES' by month from October 2015 to November 2014, and 'CATEGORIES' including 'Todos' and 'Braga'. Social media sharing buttons for Facebook and Twitter are visible. A comment form at the bottom indicates that the comment will be published after approval. The browser's taskbar at the bottom shows the system clock at 23:32 on 25/10/2015.

www.tvdomininho.com/cidade/associacao-vicentina-realiza-curso-gratuito-de-massagem-do-bebe

Associação Vicentina real

INICIO CONSELHOS REGIAO DESPORTO CULTURA OUTROS GRUPO TVDOMINHO

ASSOCIAÇÃO VICENTINA REALIZA CURSO GRATUITO DE MASSAGEM DO BEBÉ

8/1/2015 / 0 COMENTÁRIOS



A Associação Vicentina da Paróquia de S. Vicente com a sua mais recente valência em funcionamento, a creche, irá iniciar um ciclo de atividades abertas à comunidade. O primeiro curso terá início a 28 de janeiro, pelas 18:00h, sobre a temática "Massagem do bebé". Este curso é totalmente gratuito. O programa do curso é baseado no programa de massagens da Associação Internacional de Massagem Infantil (IAMI) que vem relembrar a importância do contacto pele com pele no estabelecimento de uma relação segura e de confiança mãe/pai e bebé, com inúmeros benefícios associados. O curso terá a duração de 5 sessões e será realizado por uma enfermeira certificada pelo IAMI. As inscrições são limitadas apesar da frequência gratuita e é obrigatório efetuar inscrição na creche da Associação Vicentina.

0 Comentários

Facebook 40 Twitter 0

O seu comentário será publicado após ser aprovado

23:32 25/10/2015

The screenshot shows a web browser window with the URL www.tvdominho.com/cidade/associacao-vicentina-promove-sessao-de-esclarecimento-sobre-alimentacao-infantil. The page features a dark navigation bar with menu items: INICIO, CONCELHOS, REGIAO, DESPORTO, CULTURA, OUTROS, and GRUPO TV DO MINHO. The main content area has a light background with a title 'ASSOCIAÇÃO VICENTINA PROMOVE SESSÃO DE ESCLARECIMENTO SOBRE ALIMENTAÇÃO INFANTIL' and a sub-header '18/3/2015 / 0 COMENTÁRIOS'. A photograph shows a table with colorful, shaped cookies. The text describes a session on March 21st at the S. Vicente creche, coordinated by Dr. Joana Almendra, a nutritionist and dietitian. The session is open to the public at 10:00h at the Creche da Associação Vicentina. It will be repeated on March 28th. The article is signed by Dr. Céu Henriques from the FACES of the Catholic University of Portugal. Social media sharing buttons for Facebook (20 likes), Twitter (0 tweets), and RSS Feed are visible.

www.tvdominho.com/cidade/associacao-vicentina-promove-sessao-de-esclarecimento-sobre-alimentacao-infantil

Associação Vicentina pro

GRUPO TV DO MINHO

OUTROS

CULTURA

DESPORTO

REGIAO

CONCELHOS

INICIO

ASSOCIAÇÃO VICENTINA PROMOVE SESSÃO DE ESCLARECIMENTO SOBRE ALIMENTAÇÃO INFANTIL

18/3/2015 / 0 COMENTÁRIOS



A Creche da Associação Vicentina da Paróquia de S. Vicente irá realizar, já no próximo sábado, dia 21 de março, uma sessão de esclarecimento intitulada "Qual a melhor alimentação para o meu folho?". A sessão será coordenada pela Dra. Joana Almendra especialista em nutrição e dietética que ajudará os interessados com a melhor e mais recente informação sobre alimentação infantil. A sessão é aberta ao público e tem lugar na Creche da Associação Vicentina pelas 10:00h.

Igualmente, no sábado seguinte, dia 28 de março, repetir-se-á a sessão de esclarecimento sobre Choro e Birra, onde serão abordadas as melhores estratégias para se lidar com as birras das crianças. Esta sessão será ministrada pela Dra. Céu Henriques do gabinete FACES da Universidade Católica Portuguesa.

A realização destas sessões conta com a estreita cooperação entre a Associação Vicentina e a Universidade do Minho, mais concretamente, com o Instituto de Educação.

Todos
Braga

RSS Feed

Gosto 20

Tweet 0

Anexo IV- Declaração da instituição



DECLARAÇÃO

Declara-se para os devidos efeitos que se autoriza a utilização do nome da IPSS Associação Vicentina da Paróquia de S. Vicente no estudo “Passo a passo com o meu educando: relação/ envolvimento da família com a creche”, realizado por Ana Isabel da Silva Fernandes durante o seu estágio curricular no âmbito do Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Minho.

Braga, 25 de Outubro de 2015

*Associação Vicentina
Paróquia de S. Vicente*
Ana Isabel da Silva Fernandes
Tel.: 253.277354 / 263716-
4700 - 435 BRAGA

Apêndices

Apêndice I- Inquérito por questionário de diagnóstico de necessidades e interesse dos pais



Universidade do Minho
Instituto de Educação



Inquérito

O presente questionário insere-se no âmbito de um projeto de estágio do Curso de Mestrado em Educação, Área de Especialização de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, e tem como objetivo recolher dados que potenciem uma melhor intervenção junto das crianças inscritas nesta creche e de seus pais e encarregados de educação.

Dados pessoais

Idade: _____ Sexo: _____

Estado civil: _____

Grau de escolaridade:

4º ano
6º ano
9º ano

12º ano
Licenciatura
Outro

Ocupação profissional:

Relação instituição/família

Motivo pelo qual entrou a criança na creche:

Trabalho;
Desejo de a criança se ambientar a conviver com outras crianças;
Integração no sistema de ensino;
Para ganhar rotinas sadias;
Necessidades económicas;
Se outro qual? _____

Considera importante para a sua formação, enquanto encarregado de educação, que a creche da Associação Vicentina tenha periodicamente sessões de esclarecimento e outras atividades, acerca de cuidados para bebés?

Sim

Não

Caso ocorram ações de sensibilização promovidas pela creche, gostaria de participar?

Sim

Não

Que assuntos associados aos cuidados para bebês mais gostaria de ver tratados?

Sobre o seu bebê, gostaria de aumentar os seus conhecimentos em que áreas?

- Desenvolvimento cerebral e cognitivo para bebês;
- Currículo para bebês (desenvolvimento em fases);
- Rotina diária (organização de espaços e materiais);
- A melhor música para bebês;
- Desenvolvimento motor do bebê;
- A importância da socialização e desenvolvimento emocional;
- Massagem para bebês;
- O dormir do bebê;

Considera útil a criação de uma associação de pais?

Sim

Não

Expectativas da família

Das seguintes hipóteses diga as que considera mais próximas das suas expectativas no que concerne à relação entre a creche e as famílias:

- Maior desenvolvimento da criança;
- Convívio entre encarregados de educação e seus educandos;
- Ações de esclarecimento para os encarregados de educação;
- Participação ativa dos encarregados de educação na vida escolar;
- Cooperar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades;
- Boa relação entre o educador e as crianças.

Obrigada pela colaboração.

Apêndice II- Grelha de avaliação das atividades por parte dos participantes



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Grelha de avaliação das atividades



Data: _____

Assunto da atividade: _____

O seu filho está inscrito na creche?

Sim

Não

Gostou da atividade?

Sim

Não

Melhoraria algum aspeto da atividade?

Sim

Não

Se sim, qual(ais)?

Para além do tema abordado, das seguintes opções em qual ou quais gostaria de aumentar conhecimentos?

Histórias para crianças

A importância de brincar

Os brinquedos mais indicados para a idade das crianças

A importância da atividade física na primeira infância

Grata pela vossa presença.

Apêndice III- Autoavaliação das atividades (mestranda a preencher)



Universidade do Minho
Instituto de Educação



Autoavaliação das atividades

Nome da atividade: _____

Data _____

Objetivos da atividade:

Número de participantes: _____

Ocorreu a atividade?

Sim

Não

Se não porquê?

Se sim, quais as observações que faz da atividade?

A Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente tem o prazer de convidar todos os encarregados de educação e restante comunidade a participarem no curso de **Massagem do bebé**. As inscrições são obrigatórias e tem limite de vagas. O curso é gratuito.

Participe!!!

28 de janeiro de 2015
18:00 horas

Formadora: Enfermeira Mónica Ribeiro

Local: Creche da Associação Vicentina

Contactos: 914899519/ avpsvicente@gmail.com



Apêndice V- Inscrição no workshop /sessões informativas

Ficha de inscrição

(Título do workshop/sessão informativa)

Nome _____ Idade _____

Morada _____ Profissão _____

Contacto telefónico _____ Correio eletrónico _____

Escolaridade 4º ano 6º ano 9º ano 12º ano Licenciatura Outra

Estado Civil Solteiro Casado Divorciado Viúvo

Tem filhos? Sim Não

Se sim, qual a idade da(s) crianças _____

É Encarregado de Educação na creche da Associação Vicentina? Sim Não

Se respondeu **não** indique:

Sou do GAAS Pertença à paróquia de São Vicente Outro



Tel.: 91 489 95 19 avpsvicente@gmail.com

Rua Dr. Manuel Braga da Cruz nº 26 S. Vicente 4700- 402 Braga

Alimentação Infantil

Qual a alimentação mais adequada para o meu filho?

Participe nesta sessão informativa.



Dia 21 de março

Pelas 10 horas



Na Creche da Associação Vicentina



Local: Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente
Rua Dr. Manuel Braga da Cruz n° 26 São Vicente Braga
avpsvicente@gmail.com/914899519

Apêndice VII- Power Point sobre estratégias para lidar com as birras





Birrinha e choraminguice. Que faço?

Estratégias



Fazem birra porque não querem tomar banho, porque não gostam da sopa, porque não querem descansar depois das refeições, porque desejam um brinquedo igual ao da irmã... Uma série de coisas que por vezes para os pais não faz sentido. As birras por vezes manifestam-se através do choro, de pontapés, gritos, mandar brinquedos para o chão.

Estratégias para lidar com as birras

- Satisfazer as necessidades básicas
- Procurar distraí-lo
- Não valorizar a birra
- Não se exaltar nem perder o autocontrolo
- Conversar sobre o sucedido
- Ser firme, autoritário não
- Comportamentos e consequências
- Gerir a frustração

Ignorar

- Evitar a discussão e o contacto visual
- Ignorar consistentemente
- Ignorar e desviar a atenção para outra coisa
- Afastar-se mas manter-se na mesma divisão
- Ignorar a criança ajuda a criança a desenvolver autocontrolo
- Ensinar os outros a ignorar
- Limitar o número de comportamentos a ignorar
- Não ignorar todos os comportamentos
- Prestar atenção aos comportamentos positivos



Tempo de pausa

- Ensinar a criança a perceber o "Tempo de pausa"
- Descrever os comportamentos que irão resultar em tempo de pausa
- Local
- Duração
- E se recusa ir ou permanecer no "tempo de pausa?"



Estabelecer limites

- Reduzir o número de ordens
- Dar uma ordem de cada vez, de forma clara e breve
- Dar ordens realistas
- Dar ordens na posição e sem se zangar
- Dar tempo para cumprir a ordem
- Avisar previamente que está a chegar o momento de cumprir a ordem
- Dar ordens "Quando..., então..."
- Dar opções
- Não ser contraditório
- O cumprimento ou incumprimento das ordens deve ter consequências

Recompensas

- Para o programa ter sucesso deve-se:
 - estabelecer objetivos específicos;
 - trabalhar passo a passo para grandes objetivos;
 - construir etapas adequadas...
 - selecionar o número de comportamentos
 - comportamento positivo



As recompensas devem:

- ser pouco dispendiosas
- programadas diariamente/ semanalmente
- ser dadas após um comportamento positivo
- ser temporárias
- ser variáveis e flexíveis
- ser apropriadas à idade



Pouco dispendiosas



Previlégios especiais em casa



- Convidar um amigo para passar a noite;
- Sentar-se na cadeira da mãe/pai no de jantar;
- Convidar um amigo para brincar



Atividades especiais fora de casa



- Ir dormir à casa dos avós;
- Andar nas escadas rolantes do centro comercial 3/4x;
- Tomar o pequeno-almoço fora;



Tempo especial com os pais



- Dez minutos de tempo adicional de brincadeira com o pai;
- Planear atividades para um dia;
- Ir a qualquer lado com o pai e a mãe;
- Ouvir um CD preferido com o pai e com a mãe;



“Birrinha e choraminguice. Que faço?”

A Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente tem o prazer de convidar todos os Encarregados de Educação da creche e demais interessados a participarem numa sessão (in)formativa sobre “Choro e Birra” .

Dia 28 de março às 10h na Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente
Participe...

Palestrantes:

Dra. Céu Henriques – Universidade Católica Portuguesa Braga

Ana Fernandes – Mestranda do Instituto de Educação da Universidade do Minho



avpsvicente@gmail.com/914899519

Rua Dr. Manuel Braga da Cruz nº26 São Vicente - Braga

Cuidados de higiene ao bebê

Gostava de compreender melhor os cuidados a ter com a higiene oral, cuidados na muda de fralda e no banho?
Participe no



Dia 24 de abril



às 17:30 horas

na creche Associação Vicentina com a presença da enfermeira Cláudia Silva



Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente
Rua Dr. Manuel Braga da Cruz n.º 26 São Vicente Braga
avpsvicente@gmail.com/914899519



Apêndice X- Panfleto informativo sobre o sono

Para evitar estas situações, é recomendável seguir as seguintes regras:

- Os pais devem eliminar os gritos, os castigos assim como atitudes que fomentem tensão entre eles e os filhos.
- Deve-se diminuir a atividade física depois do jantar de modo a facilitar a transição para a hora do deitar. Os pais devem estabelecer, de forma regular, um ritual para que a criança vá para a cama. Esse ritual não deve ser modificado, ainda que a criança proteste.
- A rotina de ir para a cama deve ser breve e agradável. Os pequenos rituais, como o banho, contar um conto, dar um beijo ou acender uma pequena luz, ajudam a criança a adormecer.
- Os pais podem deixar um brinquedo na cama para que a criança possa entreter-se caso acorde a meio da noite.



Conselhos para um bom descanso

DOS 0 AOS 6 MESES

É conveniente que os episódios de alimentação durante a noite sejam breves e tranquilos. O objetivo é que a criança entenda que a noite é para dormir. Após a mudança da fralda e antes de dormir, deve-se deixar o bebé no berço, procurando que esteja sempre desperto, para que aprenda a dormir sozinho. Caso seja difícil, podemos colocar-lhe a chupeta (sempre que o pediatra não veja inconveniente) ou deixar um pequeno boneco de peluche junto ao bebé. Para maior comodidade dos pais, o berço pode estar ao lado da sua cama, no mesmo quarto.



Creche da Associação Vicentina da
Paróquia de São Vicente
Rua Dr. Manuel Braga da Cruz n.º26
São Vicente
4700-402
Braga
Telemóvel: 914899519
Correio eletrónico:
avpsvicente@gmail.com
www.facebook.com/
associacao.svicente



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sono

Quando falamos do sono devemos ter em conta a influência que tem o dia da criança e com o ambiente que a rodeia. Desta forma é possível prever o tipo de sono que a criança terá, ou seja, o bom ambiente que a rodeia e o dia-a-dia calmo que a criança tiver permitirá um melhor descanso da criança.

É possível que caso a criança esteja num ambiente no qual não existam regras educativas ou no qual não se sinta seguro, tenha mais dificuldades para desenvolver a sua autonomia e isso pode fazer com que surjam problemas relacionados com o sono...



É muito recomendável que a mãe siga os mesmos horários de sono que a criança, isso poderá ajudá-la a evitar, em parte, a depressão pós-parto.

A hora de deitar a criança deve igualmente ser respeitada. Utilizar diferentes rotinas pode dificultar o desenvolvimento do hábito de sono.

Não devemos acordar o bebé para o alimentar (salvo indicação do pediatra).

DOS 6 AOS 12 MESES

Durante os primeiros 8 meses de vida é normal que o bebé acorde durante a noite.

Procure não o alimentar, porque nesta idade um bebé saudável já não precisa, e evite acender a luz ou retirá-lo do berço.

Nesta idade pode-se utilizar um peluche para fazer companhia no berço e para tranquilizar o bebé no momento de dormir.

É aconselhável que no momento de deitar o bebé, os pais abandonem o quarto deixando aberta a porta.

DOS 12 AOS 24 MESES

A hora diária de levantar e deitar deve ser aproximadamente a mesma todos os dias.

Evite deitá-los com fome.

O ambiente do quarto da criança deve ser tranquilo e escuro e a temperatura deve ser confortável: um excesso de calor ou frio favorece o despertar noturno. O ruído ambiental deverá ser o mínimo possível.

É recomendável evitar as sestas muito prolongadas ou tardias.

Evite a atividade física entre uma e duas horas antes da hora de deitar.

A criança deve aprender a dormir sozinha, sem ajuda.

Se a criança chora com a intenção de que os pais a segurem nos braços é recomendável que os pais saiam do quarto. Caso se levante, deve ser deitada novamente e consolada com algumas carícias.

AO COMPLETAR OS 2 ANOS

Não devemos perder a calma quando a criança acorda a meio da noite. Devemos transmitir a mensagem de que vai conseguir dormir sozinho.

Dormir na mesma cama que os pais pode alterar a fisiologia do sono da criança e a dos pais também.

A PARTIR DOS 2 ANOS

As rotinas devem estar já fixas e os hábitos implementados para que o sono já seja contínuo.

Muitas vezes, as crianças recusam-se a ir para a cama ou inclusivamente a permanecer no quarto.

Esta dinâmica, em muitos casos, pode resultar das próprias decisões dos pais, por vezes pouco firmes, ou da dinâmica estabelecida em casa.

Apêndice XI- Panfleto informativo sobre a importância da atividade física

Implicações da falta de exercício físico na infância:

- Obesidade
- Sedentarismo
- Problemas no desenvolvimento afetivo-social
- Falta de autoestima
- Stress
- Falta de criatividade
- Prejuízo na coordenação motora

Agora com as férias aproveite o sol e o ar livre para brincar e jogar.



Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente

Rua Dr. Manuel Braga da Cruz n.º26 São Vicente
4700-402
Braga
Telemóvel: 914899519
Correio eletrónico:
avpsvicente@gmail.com
www.facebook.com/associacao.svicente

Exercício físico na primeira infância



Desporto

Iniciar a prática desportiva é importante para o correto e saudável desenvolvimento e crescimento do ser humano.

Aos três/quatro meses começam a aparecer os primeiros movimentos, ainda que pouco desenvolvidos, e o bebé através das ordens do seu sistema nervoso, começa a executar determinados exercícios específicos como por exemplo, coordenar movimentos, agarrar os brinquedos com ambas as mãos e, mais tarde, gatinhar.

Mas qual será a melhor idade para praticar exercício ou desporto?



Atualmente as crianças ficam fascinadas por jogos de computador, tablets, ipad's e playstation. No entanto, está comprovado que o exercício, através de desporto, de brincadeiras e jogos, promove a coordenação motora e o desenvolvimento intelectual.

Ao mesmo tempo a criança quando começa a jogar com os colegas, aprende regras que são importantes para o seu crescimento enquanto pessoa no seu dia a dia. O respeito pelo outro é outro valor que surge no seio do desporto.

Além disso ganham autoestima e poder de realização.

6 meses

O bebé já pode praticar na natação, brincar, fazer atividades acompanhadas por adultos.

Até aos 4 anos

A criança ainda não sabe interagir completamente, por isso o ideal é praticar qualquer desporto que exija mais a individualidade, como ballet, judo e natação.

Após esta fase as crianças já podem começar a ingressar em atividades e desportos coletivos como é o caso do futebol, voleibol, basquete ou rugby.

Recomenda-se que se pratique desporto ou exercício físico três a quatro vezes por semana, para praticar exercícios físicos, pois é a dose considerada adequada certa para se ter uma infância saudável.

Apêndice XII- Panfleto informativo sobre os brinquedos adequados mais adequados a cada idade

18 aos 24 meses

Nesta altura importa dar brinquedos que imitem a realidade e que incentivem a brincadeira de faz de conta. Ajudam a criança a perceber novas experiências, reduzindo o mundo grande ao seu tamanho.

Brinquedos que refinam a coordenação manual-visual, ou carros e camiões, são boas ofertas para esta idade.

24 meses aos 30 meses

As crianças de dois anos são cheias de energia, entusiasmo, já têm gosto por explorar e cada vez são mais independentes. Nesta idade sugerem-se ideias para manualidades divertidas e atividades que vão ajudar a criança a descobrir a alegria de conseguir alcançar objetivos.

30 meses aos 36 meses

Brincar ao faz de conta cria o palco para uma imaginação fecunda, também ajuda a criança a dar sentido às coisas, a expressar a individualidade e a ganhar o sentido de controlo.

Veículos de controlo-remoto simples, ou outros veículos, são ótimos para esta idade.

Fonte: <http://www.fisherprice.com>



Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicente

Rua Dr. Manuel Braga da Cruz nº26 São Vicente
4700-402
Braga
Telemóvel: 914899519
Correio eletrónico: avpsvicente@gmail.com
www.facebook.com/associacao.vsicente

Brinquedos

Qual o mais indicado para cada idade



Importância do brincar

Segundo Vygotsky o brincar cria a chamada *zona de desenvolvimento proximal*, impulsionando a criança para além do estágio de desenvolvimento que ela já atingiu. Ao brincar, a criança se apresenta além do esperado para a sua idade e mais além do seu comportamento habitual. Para Vygotsky, o brincar também libera a criança das limitações do mundo real, permitindo que ela crie situações imaginárias. Assim aconselhamos neste panfleto brinquedos que estimulem a criança tanto ao nível físico como cognitivo e socio-emocional.



4 meses aos 6 meses de idade

Nesta fase o bebé tenta alcançar os objetos, agarrá-los e prová-los.

Ofereça-lhe brinquedos para ajudar o bebé a compreender a relação causa e efeito, como por exemplo, brinquedos para colocar num parque, brinquedos de dentição e rocas.

Ofereça igualmente brinquedos que incentivem o bebé a gatinhar, brinquedos de ação/reação e brinquedos sempre-em-pé.

7 meses

Divirta-se a "conversar" com o seu bebé, permitirá o desenvolvimento da linguagem.

Brinquedos que rotam, brinquedos de formas, centros de brincadeira que incentivem o bebé a gatinhar e pôr-se em pé, são indicados para esta idade.

8 / 9 meses

O seu filho de 8/9 meses pode gostar de apanhar objetos, passar brinquedos de uma mão para a outra, e começar a associar palavras a objetos.

Dê brinquedos musicais, brinquedos que incentivem o bebé a gatinhar, a pôr-se de pé ou andar, brinquedos de formas e construção ou brinquedos com botões, alavancas e discos.

Os brinquedos com discos e teclas ou botões e que estimulem o desenvolvimento da linguagem, também são indicados.

10 meses

À medida que as capacidades cognitivas evoluem o seu bebé começa a compreender mais conceitos complexos. Está na altura de tentar brincadeiras que incentivem a curiosidade natural e brinquedos de atividades com muitos mecanismos para explorar.

São exemplos disso brinquedos que incentivam o desenvolvimento físico, como estar de pé e andar, brinquedos que incentivam a aprendizagem e brinquedos com surpresas divertidas e brinquedos que imitam a realidade.

11 meses

À medida que se apercebe dos seus progressos 10 meses

À medida que as capacidades cognitivas evoluem o seu bebé começa a compreender mais conceitos complexos. Está na altura de tentar brincadeiras que incentivem a curiosidade natural e brinquedos de atividades com muitos mecanismos para explorar.

São exemplos disso brinquedos que incentivam o desenvolvimento físico, como estar de pé e andar, brinquedos que incentivam a aprendizagem e brinquedos com surpresas divertidas e brinquedos que imitam a realidade.

12-18 meses

Encontre brinquedos que proporcionem apoio aos primeiros passos são essenciais para uma marcha confiante.

Ofereça brinquedos para bebés relacionados com a aquisição de marcha ou conjuntos temáticos.

Apêndice XIII- Inscrição na atividade “Arte na Leitura”



No âmbito de promover o “Livro Infantil”, a creche gostaria de envolver a família numa atividade de leitura. Neste sentido, cada familiar (pai, mãe, tio,...) é convidado a dinamizar a leitura de um livro infantil à escolha. Esta iniciativa decorrerá às sextas-feiras pelas 16h30 no Atl, para participar basta indicar a disponibilidade no quadro abaixo.

Agradecemos a participação.

Sexta-feira	Nome da criança	Sala	Familiar
17 de Abril			
24 de Abril			
8 de Maio			
15 de Maio			
22 de Maio			
29 de Maio			
5 de Junho			
12 de Junho			
19 de Junho			
26 de Junho			

Apêndice XIV- Inquérito aos Pais e Encarregados de Educação (final)



Inquérito aos Pais e Encarregados de Educação



A fim de integrar a vossa importante opinião no meu Relatório de Estágio do Curso de Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, gostaria que respondessem, com franqueza, às questões abaixo enunciadas. Este inquérito serve para avaliação final do projeto “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche” que teve como objetivo final a aproximação dos pais à creche, assim como ajudá-los a partilhar cuidados e responsabilidades educativas nesta decisiva etapa da vida dos seus educandos.

Idade: _____ Sexo: F M

Grau de parentesco em relação ao educando (pai, mãe, tia, primo, ...):

Participou em alguma sessão informativa?

Sim Não

Se **não**, porquê?

Horário/Data incompatível

Não estava interessado nos temas abordados

Se **sim**, gostou das sessões informativas promovidas pela Creche da Associação Vicentina da Paróquia de São Vicentina?

Sim Não

Qual a que revelou maior interesse para si (mesmo que não tenha participado na sessão e considerando que teve conhecimento)?

Leu algum panfleto informativo enviado na caderneta pessoal do seu educando?

Sim

Não

Considera importante mantermos este projeto no próximo ano letivo?

Sim

Não

Dê a sua opinião sobre a importância das sessões de esclarecimento realizadas (Massagem do bebê, Alimentação Infantil, Choro e Birra, Cuidados de higiene)

Obrigada pela vossa colaboração.

Ana Fernandes

Apêndice XV- Inquérito às Educadoras



	Insuficiente	Bom	Muito Bom
Participação dos pais nas atividades realizadas pela instituição			

Considera importante o projeto “Passo a passo com o meu educando: envolvimento/relação da família com a creche”? Porquê?

Se o projeto fosse da sua autoria acrescentaria algo ao projeto? Se sim, o quê?

Que outras sessões informativas acharia convenientes?

Obrigada pela vossa disponibilidade.